



Universidade de Brasília – UnB
Instituto de Ciências Humanas - ICH
Departamento de História - HIS

Trabalho de Conclusão de Curso

**Sobre o “Nazifascismo” nos livros didáticos: conceito e
imagem**

Amanda Almeida Nunes

Jonas Wilson Pegoraro

André Cabral Honor
Mateus Gamba Torres

Brasília-DF
2019

Sobre o “Nazifascismo” nos livros didáticos: conceito e imagem

Amanda Almeida Nunes¹

Resumo:

Este artigo tem por objetivo analisar elementos conceituais e de representação a respeito do “Nazifascismo” nos livros didáticos utilizados no Distrito Federal desde 2016. Para dar substância ao estudo, foram investigadas catorze publicações tanto da rede pública quanto da rede particular de ensino, observando tanto o 9º nível do Ensino Fundamental II quanto o 3º ano do Ensino Médio. Não fugiu à análise a formação acadêmica dos autores dos livros e as referências bibliográficas para a composição dos capítulos. No que diz respeito às questões representativas, foram pensadas as imagens apresentadas nos livros, entendendo que as mesmas são de responsabilidade dos autores no ato de “pensar” o capítulo e orientar a “narrativa”.

Palavras-chave:

Nazifascismo; Didática; Conceito; Imagem.

Abstract:

This paper aims to analyze both the conceptual and representative elements regarding the “Nazifascism” within educational textbooks adopted in Distrito Federal since 2016. To present this study with considerable substance, fourteen published books were investigated from both the public and the particular educational systems, as early as the material from the ninth grade of Middle School and as late as the books from the third year of High School. This study and analysis did not disregard the academic background of the authors of those books and neither the bibliographical references used to elaborate the chapters and activities concerning the proposed subject area. As for the representative matters, images were presented within the books, which are of the authors’ responsibility in their attempts to “reflect upon” the chapter and to mentor the “narrative”.

Key-words:

Nazifascism; Didactics; Concept; Image.

¹ Graduanda em Licenciatura em História – Noturno. Universidade de Brasília (UnB). Agradeço ao Senhor que, durante a minha graduação me mostrou quem eu era e quem Ele era e aos Hermanos que caminharam ao meu lado especialmente: Thainá, Daniela, Fernanda, Christiane, Lauro, Cinndy, Jessica, Thiago, Thais, Larissa e Hellen. Aos melhores professores que tive na academia, obrigada por cada aprendizado, apoio, inspiração e confiança: Jonas Pegoraro e André Honor. Agradeço às amigas que tenho desde o ensino médio por todo apoio na profissão que escolhi em 2010: Giovana, Helena, Júlia, Allan, Mateus, Talles e Thiago. Aos amigos que fiz na UnB e me mostraram o melhor lado da universidade, minha gratidão por fazerem essa fase mais bonita: Lara, Gabriela, Jhessica, Iure, Ismael e Yuri. Aos professores que me mostraram todos os lados do ofício de professor de História, serão sempre inspiração: Carlos, Eustáquio, Erik, Mariano e Bosco. Pelo aprendizado, companheirismo e parceria nos estágios, mais que um simples obrigada: Adriana, Marcella e Alexandra. Agradeço à minha mãe Marinalva e à minha avó Francisca por me mostrarem o que é amor de verdade e à Marinilva por não me abandonar quando mais precisei. E a quem apareceu, transformou tudo, me inspirou e não me deixou desanimar em meio a tanta tempestade, obrigada por estarem aqui: Gabriel e Saul. Obrigada por cada contribuição que me compõe um todo. “Eu nada seria se não fossem vocês”.

Introdução

O artigo que segue aborda como determinados livros didáticos, usados na rede pública e particular de ensino do Distrito Federal desde 2016 (e um recomendado para pesquisa por parte dos professores que forneceram as fontes), trabalham o conceito de fascismo e de nazismo. O interesse por esta temática me vem desde cedo quando, ainda no Ensino Fundamental II, a história dos regimes liderado por Benito Mussolini e Adolf Hitler me causou uma mistura de espanto, indignação, crítica e curiosidade. Acredito que trabalhar essa temática alinhada à vida escolar seria apropriada, por isso a escolha de explorar os livros usados pelas escolas do Distrito Federal.

A palavra “fascismo” tem sido muito utilizada nos últimos tempos principalmente no contexto político brasileiro. A falta de estudo e compreensão do significado e historicidade do termo tem feito o seu sentido ser “perdido”, desvalorizado ou, ainda, ressignificando. Logo, penso esse artigo como uma oportunidade para prosseguir, pensando no ambiente escolar e no aprendizado dos alunos, a discussão dos conceitos e características desses regimes políticos. Contudo, ressalto que não se trata de um paralelo de quando os termos surgiram com os dias de hoje. Mas sim, observar como os autores dos livros didáticos conceituam (ou não) os termos e trabalham a temática. Lembrando também que o livro didático, apesar da utilização de novas tecnologias em sala de aula e possibilidades de busca sobre a temática, ainda possui um grande respaldo junto aos alunos.²

Após a escolha dos livros a serem usados na pesquisa, limitados à área geográfica do Distrito Federal, foi analisado em quantos capítulos os responsáveis dividem a história como um todo, e destes quantos deles estão voltados para a temática do “nazifascismo”. Ainda, foi pensado quais os países foram abordados pelos autores (apenas os mais conhecidos, como Alemanha e Itália, ou também a questão de Portugal e Espanha, por exemplo). No sentido de dar substância e buscarmos um certo entendimento das escolhas feitas dos autores, nos preocupamos com uma análise do currículo de cada autor, rastreando, por meio das plataformas Lattes e Acácia, seus referenciais, pensando nas influências e estudos que tiveram. Com isso, nos deparamos com a necessária observação das referências bibliográficas dos capítulos. Por fim, analisou-se também as imagens escolhidas para representação visual do tema apresentado aos alunos. E, no sentido de

² Ver: CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e concepções historiográficas. *Espaço plural*. Ano X, no 20, p. 149-154, 1o semestre 2009. E. CYSNEIROS, Paulo Gileno. Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora? *Informática educativa*, v. 12, no 1, 1999. Pp. 11-24.

pensar possíveis modificações conceituais entre os níveis escolares, na forma de um estudo de caso, por meio do autor Alfredo Boulos Junior, pensou-se ainda a respeito de diferentes metodologias didáticas de cada livro, ou seja, se há um “aprofundamento” do nível fundamental para o médio.

1. Como entendemos o conceito

O conceito de Fascismo e de Nazismo está sendo entendido neste artigo conforme apresentado por Wilhelm Reich em “A psicologia de massas do fascismo”³ e Eric Hobsbawm em “A era dos extremos”⁴. Nesta linha, como apresentado por Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva no Dicionário de Conceitos Históricos, Reich indica o período como uma “doença socio-histórica do povo alemão”, e pensa o fascismo como uma psicologia política internacional de massas frustradas, “[as massas] estimuladas pelo sentimento profundo de rejeição e neurose com enorme desejo de revolta e libertação de uma sociedade que as oprimia, ao mesmo tempo que ansiavam pela liberdade, procuravam por um líder forte para realizar seu desejo (...) o homem reprimido que de modo autoritário canalizava seu impulso de liberdade para a imagem de um homem forte, de uma liderança”.⁵

Ou seja, Reich coloca a ascensão do regime nazista na Alemanha como uma consequência da não superação e aceitação do desfecho da Primeira Guerra Mundial. Esse desfecho que incluiu pagamento de indenizações e não-anexação de territórios, causou um sentimento de traição e humilhação na população que terminou por apoiar alguém que se mostrava tão inconformado quanto, e que propunha uma solução rápida para o problema da instabilidade social, política e economia.

Com o apoio das massas, Adolf Hitler toma o poder em 1933, consubstanciando em políticas do Estado os sentimentos reprimidos e os ideais sociais, econômicos e políticos descritos anteriormente em seu livro *Mein Kampf*.

³ REICH, Wilhelm. *Psicologia de Massas do Fascismo*. Tradução: Maria da Graça M. Macedo. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.

⁴ HOBBSAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁵ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 143.

No verbete sobre Fascismo, por mais que na atualidade ocorra um debate teórico-metodológico sobre a questão⁶, Kalina e Maciel Silva indicam que o fenômeno deveria ser atribuído àquelas sociedades de massas delimitadas espacialmente a Alemanha e Itália. Logo, evitar que regimes ditatoriais e autoritários sejam erroneamente classificados de tal forma, como ocorrido na Espanha e na Argentina.⁷

De fato, Linz e Hobsbawm identificam a existência de 3 autoritarismos de direita na Europa naquele período: I. alguns sem ideologia definida, mas declarados anticomunistas; II. outros com resistência ao individualismo liberal e ao socialismo por meio do corporativismo como Salazar em Portugal e; III. os de mobilização de baixo para cima na população com ênfase em valores tradicionais e ainda inventando novas tradições, como no caso da Alemanha de Hitler e da Itália de Mussolini.

Por outro lado, Kalina e Maciel Silva desmitificam a linearidade, de certa forma teleológica, que conduz ao pensamento do surgimento e ascensão dos Fascismos com irremediável, os autores nos chamam a atenção que “os fenômenos históricos não são inevitáveis porque sempre há oposição”.⁸ Logo, nesta perspectiva, Eric Hobsbawm observou que

O medo da revolução social, e do papel dos comunistas nela, era bastante real, como provou a segunda onda da revolução durante e após a Segunda Guerra Mundial, mas nos vinte anos de enfraquecimento do liberalismo, nem um único regime que pudesse ser chamado de liberal-democrático foi derrubado pela esquerda. O perigo vinha exclusivamente da direita. E essa direita representava não apenas uma ameaça ao governo constitucional e representativo, mas uma ameaça ideológica à civilização liberal como tal, e um movimento potencialmente mundial, para o qual o rotulo “fascismo” é ao mesmo tempo insuficiente, mas não inteiramente irrelevante.⁹

Claramente nem todos os regimes liberais foram derrubados por fascistas, mas ainda assim, o termo é de grande relevância porque foi apoiado nas massas (originalmente na Itália e na forma nacional-socialista na Alemanha) que a direita ganhou força internacional. A situação política tendia a favor de militares que eram a principal força favorável ao governo, mas muitas vezes a luta dos reacionários era contra a massa populacional civil que defendia os governos fascista.

⁶ Ver BERTONHA, J. F.. *A Questão da Internacional Fascista no mundo das relações internacionais: a extrema direita entre solidariedade ideológica e rivalidade nacionalista*. Revista Brasileira de Política Internacional, Brasília, v. 43, n.1, p. 99-118, 2000.

⁷ Ver: SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 141.

⁸ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 143.

⁹ HOBBSAWM, Eric. *A queda do liberalismo*. In: _____. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das letras, 1995. p. 116. *Destaques nossos*.

Certos autores, como William McGovern e Peter Vierek, acreditam que os regimes fascistas foram inevitáveis, devido a fatos precursores como o desfecho da Primeira Guerra Mundial, a crise econômica de 1929 e o sucesso da Revolução Russa. Porém, como abordado acima por Hobsbawm, notamos que sempre há oposição partindo da realidade de individualização, particularidade e carga histórica de cada ser humano. Para qualquer ideia, vertente, teoria e argumento, há uma oposição, uma crítica e um ponto de vista diferente.

Devemos ainda ressaltar, tal qual abordado por Silva, que embora muitas vezes se distinga nazismo do fascismo, “a rigor, para efeitos de análise, os dois regimes costumam ser pensados juntos como integrantes de um mesmo processo de crítica profunda ao liberalismo que havia, em todo o século XIX, regido o mundo ocidental.”¹⁰

É com base nessa ideia que os livros didáticos tendem a usar o termo “nazifascismo” para começar a trabalhar os regimes totalitários¹¹ na Europa. Apenas um dos usados aqui como fonte opta por usar “fascismos” e então desenvolver as particularidades vividas em cada país escolhido para análise pelos autores.

Sobre Fascismo, Norberto Bobbio indica que o termo

assumiu contornos tão indefinidos, que se tornou difícil sua utilização com propósitos científicos. Por isso, vem-se acentuando cada vez mais a tendência de restringir seu uso apenas ao Fascismo histórico, cuja história se desenrola na Europa entre os anos 1919 e 1945. (...) Em geral, entende-se o fascismo como um sistema autoritário de dominação que é caracterizado: pela monopolização da representação política por parte de um partido único de massa, hierarquicamente organizado; por uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo, dentro de um sistema de tipo corporativo [...] ¹² (p.466)

Esses contornos tão indefinidos é que levam ao entendimento de que diversas características em conjunto, e não algumas delas de forma isolada, é que definem o que é um regime fascista. Um Estado possuir um líder carismático, não o define como fascista; um líder defender seu país como uma nação soberana também não o define como fascista; até mesmo demonstrar aversão a determinada religião ou cor o caracterizariam como intolerante religioso ou racista, mas não necessariamente fascista.

Bobbio coloca o conjunto de características já comentado anteriormente que define o que é fascismo. Entendo então como pré-requisito base para classificar um

¹⁰ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de Conceitos Históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto. 2010. p. 141.

¹¹ Ver ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

¹² BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1. ed., 1998.

regime político como fascista, a identificação desses fatores acima e, no caso da Alemanha, por extensão, o complemento do antissemitismo levando à denominação “nazista” como desdobramento (ou desenvolvimento) do termo original usado por Mussolini na Itália.

Logo, as características, constroem o conceito. Os livros deixam o conceito de fascismo “subentendido”, mas suas características são indicadas. Alguns livros sugerem que os alunos pesquisem tais características, outros sugerem fontes para análise, enquanto terceiros sequer demonstram preocupação com isso.

2. O conceito de Fascismo e Nazismo nos livros didáticos

Nessa seção iremos descrever e criticar os livros didáticos escolhidos como fonte. Cada livro é trabalhado de forma individual, debaixo de um subtópico, com o nome do(s) autor(es).

No decorrer do texto, está descrito o público alvo do livro (ensino fundamental ou médio), quantos capítulos da obra estão voltados para a temática deste artigo e o recorte político e temporal aplicado, analisando se tratam o tema isoladamente ou com outros assuntos correlatos. De forma pontual é citado também se os autores exploram apenas a questão vivida na Alemanha e na Itália ou se estendem até países como Portugal, Espanha, Rússia e Brasil. A descrição visa apresentar ao leitor como os capítulos estão estruturados e representados¹³. Com isso, chamamos a atenção para os materiais didáticos elencados nos capítulos e disponíveis para análise dos docentes e discentes. Ao mesmo tempo, as características do período são indicadas no intuito de compreender como os autores constroem o conceito de “Fascismo” e de “Nazismo”.

2.1 - Alfredo Boulos Júnior

No primeiro livro de *Alfredo Boulos Júnior* escolhido para análise, volume único para Ensino Médio¹⁴, o capítulo voltado ao fascismo engloba também a Grande Depressão de 1922 mostrando como os “anos felizes” e a crise econômica de 1929 levaram à eclosão dos regimes totalitários na Europa. Como fonte, para a época, o autor utiliza pinturas, cartazes de cinema, charges, dados estatísticos e fotografias para

¹³ Ver seção 5. Representação.

¹⁴ BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História, sociedade e cidadania*, volume único. 1ªed. São Paulo: FTD, 2011.

construir sua narrativa e representar aquele momento histórico, citando o historiador inglês *Eric Hobsbawm* para dar suporte aos dados de desemprego na Europa nos anos 30.¹⁵

Ademais, propõe pontos de reflexão ao longo do capítulo acerca da xenofobia nos Estados Unidos, o papel das mulheres dentro da ideologia fascista e a propaganda quanto à educação. O autor destaca as características que considera importante, grifando-os ao longo do texto e, na parte inferior das páginas, expondo-os de forma mais direta, chamando a atenção dos alunos, mas sem estimulá-los à pesquisa individual como pode ser observado abaixo.

IMAGEM 01

Nesse contexto, os nazistas tentaram tomar o poder à força. No fim de 1923, Adolf Hitler liderou um golpe (o *Putch de Munique*), mas foi prontamente reprimido pelo governo republicano, que condenou Hitler a cinco anos de prisão.

Na cadeia, Hitler começou a redigir *Mein Kampf* (*Minha luta*), livro que expunha as principais ideias do nazismo, entre as quais cabe destacar:

- a **superioridade da raça ariana**: para Hitler haveria uma raça pura (ariana) superior às outras; os alemães seriam os únicos descendentes legítimos dessa raça; por isso tinham o direito de subjugar os outros povos;
- o **antissemitismo**: Hitler acusava os judeus de serem os piores inimigos da Alemanha e os culpava por tudo aquilo que ele detestava: pacifismo, marxismo, arte moderna, individualismo;
- o **anticomunismo**: para Hitler, o comunismo era um perigo que, aliado ao judaísmo, ameaçava a existência do povo alemão;
- o **totalitarismo**: assim como o fascismo, o nazismo concebido por Hitler defendia um Estado forte, conduzido por um partido único e um chefe supremo, a quem todos deveriam obedecer cegamente.
- a **necessidade de um espaço vital**: a Alemanha, segundo Hitler, deveria expandir seu território conquistando terras de outros povos a fim de realizar-se plenamente.

Antissemitismo: termo que, do ponto de vista linguístico, significa hostilidade aos judeus. Na Alemanha nazista e na Itália fascista ocorreu a institucionalização do antissemitismo.

FONTE: BOULOS JÚNIOR, Alfredo. *História, sociedade e cidadania*, volume único. 1ªed. São Paulo: FTD, 2011. p. 673.

Quanto ao trabalho dos termos “fascismo” e “nazismo”, o autor coloca que são regimes políticos que surgiram na Europa e se propagaram pelo mundo tendo como características as ideias de necessidade de um governo forte dirigido por um partido e um líder único capaz de guiar pessoas no “rumo certo”, com nacionalismo extremado, subordinação do indivíduo ao Estado, valorização da guerra e repúdio às democracias liberais e ao comunismo.

No segundo livro deste autor escolhido para análise, voltado para o 9º ano do Ensino Fundamental, o capítulo que trabalha o “nazifascismo” engloba a Grande Depressão de 1922, assim como o volume único para o Ensino Médio. Quanto às

¹⁵ Por mais que nesta seção cite-se os suportes bibliográficos dos autores de livros didáticos, como se verá a frente, uma seção foi dedicada para propor uma reflexão mais aprofundada sobre a bibliografia, autores e escolhas metodológicas.

referências, Boulos apoia-se novamente em *Eric Hobsbawm*, mas também em *Margarida Oliveira e Leandro Karnal*, assumindo a ideia de que os jovens de hoje vivem o presente, sem, contudo, estabelecer uma relação com o passado. Nesta linha, o papel do historiador seria o de relembrar esse passado que esquecemos, fazendo-o importante e percebendo-o como algo que ainda nos cerca em cada ação social, em certa medida, como trabalhado por Rüsen.¹⁶

Como citação historiográfica, na indicação direta para os professores de História, Boulos pauta-se em alguns referenciais teóricos da História Nova na qual a História é vista como um conhecimento em permanente construção, balizando-se também na História Social inglesa, recorrendo aos trabalhos de *Christopher Hill* e *E. P. Thompson*.

Com base nas reflexões de *Margarida Oliveira*, quanto aos pressupostos teóricos, assume que “É impossível resgatar episódios do passado tal como ocorreram”, logo “só se pode investigar o passado por meio de questões colocadas no presente”, e que “todo conceito possui uma história”¹⁷. Com isso, respaldado pela autora, indica as limitações do conhecimento histórico, sendo o mesmo “algo construído com base em um procedimento metodológico”¹⁸.

Pensando a metodologia de ensino-aprendizagem, Boulos baseia sua ideia de conhecimento histórico escolar em *Circe Bittencourt* e para a construção de conhecimento em sala de aula na historiadora *Margarida Oliveira* “selecionando um tema e transformando-o em problema por meio de um conjunto de questões estudando então o passado para entrar em contato com as experiências de seres humanos de outros tempos no enfrentamento desse tal problema e então retorna-se ao presente”¹⁹. Trabalhando essa ideia, o autor coloca o problema mundial na economia e o desemprego em massa como situações que favorecem o surgimento de partidos políticos autoritários. Defende ainda em seu texto, a ideia de *Robert Paxton* de que o que existiu foram fascismos (no plural) variando em tempo, espaço e ideias específicas.

O autor trabalha a ideia de fascismo e de nazismo, tanto no livro voltado ao 9º ano, quanto no direcionado ao Ensino Médio, partindo das características ideológicas dos

¹⁶ RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. Em: *História da historiografia*, número 02, março, 2009. p. 163-209.

¹⁷ BOULOS, Alfredo. Manual do professor. In: _____. *História, Sociedade e Cidadania*, 9º ano. 3. Ed. São Paulo: FTD, 2015. p. 9

¹⁸ SALIBA, Elias Thomé. *A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica*. São Paulo: FTD/Diretoria Técnica, 1992. p. 12

¹⁹ BOULOS, Alfredo. *Manual do professor*. In: *História, Sociedade e Cidadania*, 9º ano. 3. Ed. São Paulo: FTD, 2015. p. 14

partidos identificados com os termos como nacionalismo extremo, necessidade de uma nação forte e unida, o antissemitismo, valorização à guerra, ódio às democracias liberais e ao comunismo a necessidade de um espaço vital e a superioridade da raça ariana no caso da Alemanha. É um dos poucos autores que já coloca o fascismo como um sistema político europeu.

2.2 - Alexandre Alves e Letícia Fagundes

O livro de *Alexandre Alves e Letícia Fagundes* possui o caráter mais diferenciado dos livros escolhidos para a pesquisa. O livro é subdividido em 7 volumes: sendo que é em sua terceira parte que aborda nosso foco de análise, juntamente com o imperialismo na África e na Ásia, a Belle Époque, Primeira Guerra Mundial, Revolução Mexicana e Russa, a Primeira República no Brasil, a ascensão do totalitarismo não só na Itália e Alemanha, mas também na Rússia e Espanha, Vargas e o Estado Novo. Ainda, a Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, movimentos sociais no mundo, o populismo e ditaduras na América Latina, o colapso do socialismo no Leste Europeu, o Brasil contemporâneo até o governo Lula e finaliza com as perspectivas do mundo globalizado. Ou seja, é possível identificar o “nazifascismo” diluído ao longo dos acontecimentos de todo século XX, ou, como aborda Hobsbawm, o “breve século XX”, dada a volatilidade e ritmo dos acontecimentos.

Assim, abordado de forma diferenciada, os autores começam expondo as ondas revolucionárias, como a Liga Espartaquista de corrente marxista, antes de expor o regime fascista italiano diretamente. De forma pontual, destacam os conceitos específicos do assunto como “totalitarismo” e outros de contexto geral como “corporativismo” sem explicá-los diretamente, deixando o aluno à mercê para pesquisar (ou não) a temática. Contudo, não sugerem fontes confiáveis para estudo deixando o aluno na possibilidade de erroneamente assumir como verdades discursos feitos por pessoas com boa oratória/escrita e argumentos sem base.

Os autores optam por apresentar várias fotografias e dados estatísticos como o quadro abaixo para contextualizar o conteúdo e tornar a história mais acessível visualmente. São feitas várias citações como discursos do próprio *Benito Mussolini*²⁰ e

²⁰ MUSSOLINI, Benito; GENTILE, Giovanni. *La dottrina del fascismo* (1932). In: Enciclopedia italiana. Disponível em www.polyarchy.org. Acesso em 26 ago, 2010 (tradução dos autores).

Lester Chandler²¹. Propõem ao longo das páginas várias questões para debater e questionar as fontes trazidas como charges, dados estatísticos e propagandas da época.

IMAGEM 02

DOC. 5 Cotação do marco alemão – 1919-1923 (marcos para 1 dólar)	
1919	4,2
1920	75,00
1921	258,00
1922	1.460,00
1923	4.200.000.000.000

Fonte: ECKARDT, Wolf von; GILMAN, Sander L. *A Berlim de Bertolt Brecht: um álbum dos anos 20*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996. p. 13-14.

QUESTÕES

► Descreva os dados informados na tabela e explique as causas que levaram a essa situação [doc. 5].

FONTE: ALVES, Alexandre; FAGUNDES, Letícia. *Conexões com a história*: volume único. São Paulo: Moderna, 2010. p. 551.

Como referência, os autores trazem um trecho de *Philippe Burrin* no livro “Nazisme et communisme: deux régimes dans le siècle” de *Marc Ferro* acerca de totalitarismo e autoritarismo que diz que

“[...] os regimes totalitários são caracterizados pela presença simultânea de um centro de poder que afirma seu monopólio, de uma ideologia que pretende [...] exclusividade e de um empreendimento de mobilização total da população através de um partido único e das organizações de sob sua dependência. Os regimes autoritários se distinguem dos totalitários pela existência de um pluralismo limitado, o poder reconhecendo a legitimidade de corpos privilegiados como a Igreja, por uma ideologia mal articulada e fracamente difundida, enfim pela ausência ou grau limitado de mobilização política da população, o partido único, quando existe, tendo apenas um lugar reduzido no centro do regime e um alcance superficial sobre a sociedade.”²²

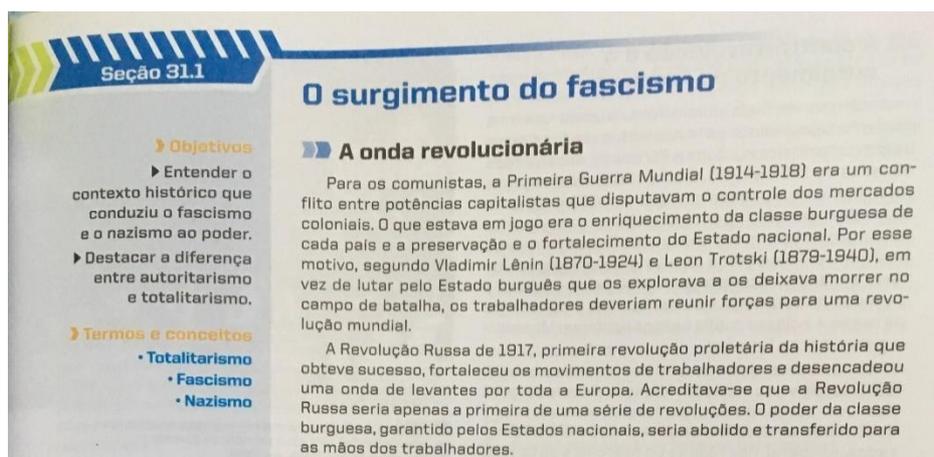
Ou seja, os autores fazem uso de fonte primária com um trecho de “*La dottrina dei fascismo*” do próprio Mussolini com o objetivo de mostrar, nas palavras do próprio líder do movimento, as ideias de rejeição à paz e a valorização da guerra.

No começo do capítulo, de fato, Alves e Fagundes confeccionaram uma área separada expondo os conceitos importantes que serão trabalhados, mas não os definem de forma direta, mas sim contando a história do surgimento dos partidos e expondo suas principais características e trabalhando discursos de seus líderes.

²¹ CHANDLER, Lester V. *America's greatest depression* (1970). In: HUNT, E. K. *História do pensamento econômico*. Rio de Janeiro: Campus, 1989. p. 428-429.

²² FERRO, Marc (Org.). *Nazisme et communism: deux régimes dans le siècle*. Paris: Hachette, 1999. p. 47

IMAGEM 03



FONTE: ALVES, Alexandre; FAGUNDES, Letícia. *Conexões com a história*: volume único. São Paulo: Moderna, 2010. p. 549.

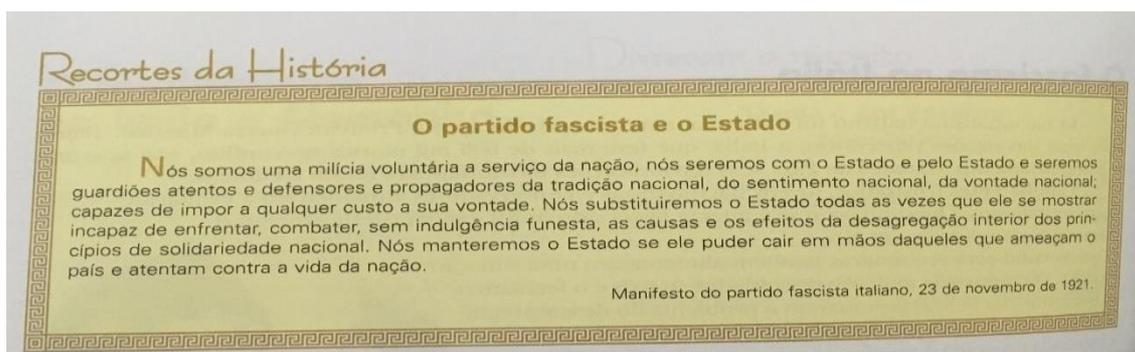
2.3 - José Alves Neto e Célio Tasiñafo

O livro de *José Alves Neto e Célio Tasiñafo* foi recomendado como material auxiliar de pesquisa por boa parte dos professores que forneceram as fontes para este artigo. Em comparação com os demais, em minha perspectiva, também o considero mais completo e com a abordagem mais profunda quanto ao tema dentre os livros escolhidos para análise.

Os autores dividem a história em 45 capítulos e 1 deles é dedicado ao tema do “nazifascismo”, tratando também da Revolução Russa de 1917, a Revolução Mexicana de 1910, a Grande Depressão de 1929 e os regimes liderados por Mussolini, Hitler, Franco e Salazar.

Como autores citados, tem-se *Eric Hobsbawm* - “A era dos extremos”, *Hanna Arendt* - “Origens do totalitarismo” e *Alcir Lenharo* - “Nazismo: o triunfo da vontade”. Como fonte primária expõem discursos de Lênin, texto do Manifesto do partido fascista italiano reproduzido abaixo, o livro *Mein Kampf* escrito por Adolf Hitler enquanto estava preso e Anais do Congresso Norte-Americano acerca da aplicação da ideologia racista.

IMAGEM 04



FONTE: FREITAS NETO, José Alves; TASINFAO, Célio Ricardo. *História geral e do Brasil*. São Paulo: Harbra, 2006. p. 652.

Dentre os recursos visuais escolhidos, o livro trabalha fotografia de Mussolini em discurso para multidões na Itália, fotografia de Hitler em desfiles e manifestações nazistas em Berlin²³ e gráfico das eleições e crise econômica na Alemanha de 1920 a 1933. No final do capítulo são sugeridos três filmes: “Reds” dirigido por Warren Beatty em 1981 nos Estados Unidos, “O ovo da serpente” dirigido por Ingmar Bergman em 1976 na Suécia e “Arquitetura da destruição” dirigido por Peter Cohen em 1992 na Alemanha. Esse livro é realmente o mais completo dos analisados e superior em quantidade de páginas dedicadas ao assunto, assim como na qualidade da escrita, abrangência do tema e exposição dos fatos. Não trabalha as características de forma direta e assertiva, cabendo isso ao professor e aos próprios alunos a depender da metodologia de ensino, mas expõe ao longo do texto pontos em comum entre o regime fascista e o regime nazista antes de trabalhar as particularidades de cada um destacando o antissemitismo como principal diferencial na Alemanha.

Colocam o surgimento do fascismo como novidade política nos anos 1920, enquanto o liberalismo e o comunismo, idealizados no século anterior, já eram conhecidos. Trazem ainda como material auxiliar o texto “Origens do totalitarismo” de *Hanna Arendt*, e, como fonte primária, o “Manifesto do Partido Fascista Italiano” e um trecho de *J. Mesnil* publicado no jornal *l’Humanité* tratando do “terror fascista”.

²³ Por mais que sejam descritas algumas imagens presentes no livro didático, em seção específica trabalharemos essas questões de representação.

2.4 - Maria Raquel Apolinário

O livro de *Maria Raquel Apolinário* atende ao ciclo do FNDE-PNLD 2017-2019. Possui apenas 5 páginas voltadas à abordagem do tema “Nazifascismo” e devido a economia de páginas, trata o assunto de forma muito pontual, resumida e direta.

O capítulo expõe o fracasso da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, a Grande Depressão na Europa (resumida em 15 linhas), as características dos regimes totalitários e destacam determinados termos “autoritarismo”, “totalitarismo”, “fascismo”, “nazismo” e “stalinismo” ainda que sem especificar as particularidades de cada um. O que pode gerar, dependendo da abordagem/conhecimento do(a) professor(a), confusões. Aborda também a ascensão do fascismo na Itália, a República de Weimar na Alemanha e a “solução” apresentada como o Partido Nazista e a tomada do poder por parte deles.

Os recursos visuais apresentados incluem uma propaganda alemã da década de 30 reproduzida abaixo, a fotografia do *fascio* italiano, uma de Mussolini discursando em 1936, uma de moradores de rua procurando comida no lixo em Berlim em 1922, uma de alemães tentando se aproximar de Hitler no Festival da Colheita em 1937, uma bandeira nazista e ainda o quadro *Guernica* de Picasso feita em 1937 propondo uma discussão interdisciplinar.

IMAGEM 05



FONTE: APOLINÁRIO, Maria Raquel (Org.). *Projeto Araribá: história*. São Paulo: Moderna, 2014. p. 108.

O cartaz de propaganda acima data de 1930 e diz: “A Alemanha está livre!”. A ideia da autora de expor a imagem aos alunos tem a intenção de mostrar o poder de disseminação da ideologia política na época como sendo de fato a melhor solução para os problemas que a Alemanha vivia após a crise econômica. A população buscava uma

solução para o que passava economicamente e o partido nazista mostrava-se como a “melhor” e “única” solução rápida. O partido se coloca em propaganda pública como forma de disseminar que seus ideais seriam realmente os melhores para libertar a Alemanha de tudo o que era considerado como culpado pelo atraso social e dificuldades financeiras.

Ao longo do capítulo são destacados os termos: República de Weimar, Tratado de Versalhes, Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, Pangermanismo e Espaço Vital. Ou seja, um encadeamento de fatos/acontecimentos para a explicação da ascensão desses regimes. Como citação traz apenas um trecho de *Ângela Mendes de Almeida* em “A República de Weimar e a ascensão do nazismo”²⁴ e propõe em cima um debate sobre a interferência externa nos assuntos internos de um país na atualidade.

Ao longo do parágrafo que comenta alguns regimes autoritários que existiram, os termos-chave “fascismo” e “nazismo” são destacados em negrito mais uma vez não definidos e são repetidos apenas nos subtítulos “A ascensão do fascismo na Itália” e “A solução extrema do regime nazista” nos quais, muito superficialmente, as características partidárias são citadas e apenas a questão da chamada “raça ariana” ganha espaço para definição particular.

Há escassez de informações quantitativas e qualitativas que os estudantes da rede pública de ensino têm acesso: a Grande Depressão econômica de 1929 resumida em 15 linhas e os movimentos totalitários europeus que impactaram todo o mundo resumidos em apenas 5 páginas nesse capítulo. De fato, pode ser pensada a liberdade do professor em desenvolver o assunto de forma mais profunda em sala, e a autonomia dos alunos em realizar pesquisas, mas não são recomendadas fontes de qualquer tipo para estudo e é de conhecimento comum que nem todo professor hoje está empenhado em ir mais além do que o livro expõe.

Vale pensar que, ainda que haja uma proposta de independência ao estudante e do professor, este livro está para uso da rede pública de ensino do Distrito Federal, o que cabe ver que, na maioria das vezes, é a única fonte que os alunos terão acesso para estudo devido fatores como estrutura escolar e realidade financeira vivida por eles. Critico ainda a posição dos docentes e a secretaria de educação da rede pública que realizam a escolha dos livros didáticos aceitando a proposta de redução quantitativa do conteúdo implicando na redução também qualitativa.

²⁴ ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a ascensão do nazismo*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 199. p. 13-14.

2.5 - Marcos Napolitano e Mariana Villaça

O livro de *Marcos Napolitano e Mariana Villaça*, nas palavras dos próprios autores, tem por objetivo

não ser uma obra didática vista como lugar de autoridade sobre a disciplina que está sendo ensinada ou como regrador absoluto das atividades didáticas, tampouco como o depositário do conteúdo obrigatório a ser assimilado. O livro didático é um dos meios de que o professor deve dispor para organizar sua aula e atividades. Ele é um aliado no processo de ensino-aprendizagem.²⁵

Nesta linha, os autores abordam o debate teórico *Marc Bloch*²⁶, *Fernand Braudel*²⁷ e *Jacques Le Goff*²⁸ com a ideia de história-problema e a nova concepção de sujeito histórico.

A proposta do livro é levar o aluno a análises que superem o senso comum e atinjam a compreensão do processo histórico. Os autores, baseados nas reflexões de *Katia Abud*, deixam clara a importância de que os alunos “desenvolvam a habilidade de analisar dados e fontes escritas e visuais, estabelecer relações, inferir informações e sintetizar o conhecimento de modo a fazer uma leitura crítica do presente a partir da compreensão do passado.”²⁹

As fontes trabalhadas vão de documentos oficiais a histórias em quadrinho, charges, propagandas, fotos, crônicas, músicas e tradição oral. É o livro com maior variedade de uso de fontes. Os autores buscam ainda aliar o estudo da história e as análises das fontes ao uso da tecnologia tão presente hoje, apoiando-se na ideia de *Roger Chartier* de que as fontes digitalizadas “estabelecem uma relação nova, mais comprometida com os vestígios do passado e, possivelmente, mais crítica com respeito à interpretação do historiador.”³⁰

Tratam das várias temporalidades quanto à política e à economia, por exemplo, a memória histórica quanto a “fazer a história” e “viver a história” afirmando o jogo de experiência e consciência e tomam cautela quanto ao relativismo, afirmando que o fato histórico é construído como resultado de tensões entre conhecimento e imaginação, ideologia e ciência e memória e história apoiando-se nas palavras de *Robert Darnton*.

²⁵ NAPOLITANO, Marcos; VILLAÇA, Mariana. Manual do professor. In: _____. *História para o ensino médio*: volume único. São Paulo: Atual, 2013. p. 4.

²⁶ BLOCH, Marc. *Apologia da história*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

²⁷ BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

²⁸ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 1990.

²⁹ ABUD, Katia Maria. *Processos de construção do saber histórico escolar*. In: *História & Ensino*. Londrina, v. 11. jul. 2005. p. 26-27.

³⁰ CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 61.

Diferentemente dos demais livros utilizados para esta pesquisa, esta traz a ideia de “Fascismos” como título da unidade rejeitando a ideia de apenas um fascismo existiu, mas que este é, na verdade, uma base para os demais regimes totalitários que seguiriam. Quanto aos conceitos, os autores trazem que “de acordo com a ideologia fascista, o povo, o Estado e o *Duce*, devem formar um todo sem divisões ou conflitos internos para superar, pela força e pelo autoritarismo, os conflitos sociais e a crise econômica que assolavam a Itália após a Primeira Guerra Mundial”.³¹ Expõem ainda como os partidos fascistas foram formados, as suas características comuns e particulares entre seus diferentes tempos e espaços e a formação do Eixo Roma-Berlin.

Quanto ao nacional-socialismo alemão, focam na derrota após a Primeira Guerra Mundial que provocou o fim do Império Alemão e deu origem à República de Weimar que, enfrentando crise econômica, teve sua legitimidade contestada pela extrema direita e pela extrema esquerda. Posteriormente tratam o levante revolucionário da Liga Espartaquista liderada por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht.

Os autores caracterizam a ideologia nazista de forma semelhante a fascista: Estado dominado pelo chefe político e pelo partido, controle social por meios publicitários com repressão a qualquer oposição e política econômica valorizando a indústria nacional. Trabalham as políticas de repressão populacional, a extrema direita vencendo as eleições de 1930 e a nomeação de Hitler como chanceler da Alemanha em 30 de janeiro de 1933.

Mais uma vez, trata-se de uma obra que não fornece os conceitos básicos sobre o tema como “totalitarismo”, “autoritarismo”, “fascismo” e “nazismo” tampouco sugere fontes para pesquisa ou questões para debate em sala assumindo uma linha construtivista. Os autores buscam muito mais fornecer as características dos regimes quanto a questões sociais, econômicas e políticas pela dificuldade em conceituar os termos e estimular a criticidade dos alunos sobre um tema ainda tão atual no contexto brasileiro.

2.6 - Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira, Sheila de Castro e Daniela Buono

O livro de *Ronaldo Vainfas, Jorge Ferreira, Sheila de Castro e Daniela Buono* tem como proposta colocar em prática a vivência do ensino de uma história plural e atenta às particularidades sugerindo diversos textos, livros, documentos e imagens num contexto no qual a leitura de livros é deixada de lado frente a fragmentos na internet, por exemplo.

³¹ NAPOLITANO, Marcos, VILLAÇA, Mariana. *História para o Ensino Médio*: volume único. São Paulo: Atual, 2013. p. 593.

O livro conta com 17 capítulos sendo 1 deles destinado à temática abordada neste artigo. O capítulo 5 intitula-se “Ascensão do fascismo e do nazismo” e, logo na primeira página tem-se uma contextualização, bem como os objetivos do capítulo e uma charge retratando Mussolini e Hitler reproduzida abaixo. O texto conta com uma narrativa mais próxima do aluno tentando colocá-lo dentro do contexto exposto, são feitas perguntas seguidas de respostas estabelecendo um tipo de conversa e os dois regimes são colocados como “irmãos” com base nas características comuns.

IMAGEM 06



FONTE: VAINFAS, Ronaldo; FERREIRA, Jorge. *História.doc 9ºano*: ensino fundamental, anos finais. São Paulo: Saraiva, 2018. p. 82.

Usam como referência *Denise Rollemberg e Samantha Quadrat*³² quanto à “Construção social dos regimes autoritários”. Na exposição das ideias partidárias, o fascismo e o nazismo são colocados como pertencentes à direita no combate ao avanço socialista e, no tocante à origem do fascismo e seu desenvolvimento, sugere a leitura de *Robert Paris*³³, *Robert Paxton*³⁴, *Ângelo Trento*³⁵, *Renzo de Felice*³⁶ e *Martin Blinkhorn*³⁷. Entretanto, essas sugestões são feitas apenas nas margens do livro do professor, não no livro do aluno que, mais uma vez, precisa contar com a disposição do docente e tempo disponível em sala para fornecer e trabalhar tais fontes para estudo mais profundo dos conceitos.

³² ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha (Org.). *A construção social dos regimes autoritários: legitimidade, consenso e consentimento no século XX*, v. 1 (Europa). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

³³ PARIS, Robert. *As origens do fascismo*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

³⁴ PAXTO, Robert. *A anatomia do fascismo*. São Paulo: Paz e terra, 2007.

³⁵ TRENTO, Ângelo. *Fascismo italiano*. São Paulo: Ática, 1996.

³⁶ FELICE, Renzo de. *Explicar o fascismo*. Lisboa: Edições, 1976.

³⁷ BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália fascista*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2010.

Quanto a Mussolini, aborda a fundação do regime fascista, a chegada de Mussolini no poder e a destruição da oposição e pontua claramente as características particulares do regime e sua política interna e externa. Dentre os filmes sugeridos na unidade tem-se “Grandes dias do século XX – Grandes ditadores: A ascensão do fascismo”, França. Coleção História Viva, 1996. Duração: 55 minutos e “Mussolini – a história não contada”, EUA. Direção: William A. Graham, 1985. Duração: 320 minutos. As representações visuais tem-se uma fotografia de Mussolini recebendo Hitler em uma visita à Itália em 1938, outra fotografia de ambos em um desfile em Munique em 1941 reproduzida abaixo, um cartaz de propaganda fascista que busca convencer o público de suas qualidades datando de 1939, a apropriação do fascismo de símbolos da antiguidade romana como a águia na moeda de 5 liras, uma fotografia de Mussolini discursando em praça pública durante a comemoração da fundação de Roma em 1932.

IMAGEM 07



FONTE: VAINFAS, Ronaldo; FERREIRA, Jorge. *História.doc 9º ano*: ensino fundamental, anos finais. São Paulo: Saraiva, 2018. p. 84.

Em referência à Alemanha nazista, os autores contextualizam desde a derrota na Primeira Guerra Mundial, até o golpe de Estado nazista, seguido pela perseguição aos judeus³⁸. Como bibliografia, são sugeridos *João Ribeiro Júnior*³⁹, *Ian Kershawn*⁴⁰, *Dick Geary*⁴¹, *Richard Evans*⁴², *Alcir Lenharo*⁴³ e “Minha Luta” de Adolf Hitler. Dentre os

³⁸ A fonte em questão trata quanto ao Nazismo alemão apenas a perseguição aos judeus, deixando de lado outros povos como negros, ciganos, doentes físicos e mentais e homossexuais, por exemplo.

³⁹ RIBEIRO JR. João. *O que é nazismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

⁴⁰ KERSHAWN, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁴¹ GEARY, Dick. *Hitler e nazismo*. Rio de JANEIRO: Paz e Terra, 2010.

⁴² EVANS, Richard. *A chegada do Terceiro Reich*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.

⁴³ LENHARO, Alcir. *Nazismo: O triunfo da vontade*. São Paulo: Ática, 1998.

filmes sugeridos tem-se “O grande ditador”, EUA, 1940. Direção: Charles Chaplin. Duração: 124 minutos, “Hitler – a ascensão do mal”, Canadá, 2003. Direção: Christian Duguay, “Hitler’s circle of evil”, Inglaterra, 2018. Série. Duração: 520 minutos, “O triunfo da vontade”, Alemanha, 1934. Direção: Leni Riefenstahl. Duração: 114 minutos, “Arquitetura da destruição”, Suécia, 1989. Direção: Peter Cohen. Duração: 121 minutos. Como fonte primária são trabalhadas as Leis de Nuremberg.

Importante analisar que, com exceção da referência do texto de Alcir Lenharo, todas as outras fontes, incluindo os filmes citados no parágrafo anterior, estão disponíveis apenas no livro do professor, cabendo a este repassar aos alunos.

Ademais, no quesito das representações visuais, há uma fotografia de militantes nazistas marchando em Munique em 1933, uma de um desfile das tropas nazistas na Alemanha em 1930 e a de uma família judaica usando a estrela discriminatória em 1943 em um campo de concentração.

Após tratarem os dois regimes de forma separada e explicarem as diferenças de trajetória política dos líderes, os autores começam a abordar um encontro entre os dois regimes e expõe a ligação destes com a Ásia com o apoio de uma fotografia da assinatura de um pacto anticomunista entre este com Alemanha, Itália e Japão que vivia uma rápida expansão desde o início do século XX após a industrialização promovida pela Revolução Meiji em 1868 e também temia o avanço do comunismo que pudesse afetar o seu mercado consumidor. Os autores pedem então que os alunos comentem características do regime japonês que sejam comuns ao vivido na Alemanha e na Itália, mas não fornecem nenhuma característica do que acontecia na Ásia no momento.

Trata-se de mais uma fonte que opta por caracterizar os regimes dada a dificuldade em conceitua-los de forma pontual como apontado anteriormente por Bobbio.

2.7 - Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues

O livro de *Gilberto Cotrim e Jaime Rodrigues*, atende ao ciclo do FNDE-PNLD 2017-2019, é voltado ao 9º do Ensino Fundamental e divide-se em 15 capítulos sendo 1 destes voltado à temática dos regimes totalitários do século XX na Europa, contextualizando desde os “anos felizes” nos Estados Unidos até os regimes totalitários na Alemanha, Espanha, Itália e Portugal.

O capítulo começa com uma recapitulação da Primeira Guerra Mundial e conta com uma fotografia de Hitler fazendo a saudação nazista datada de 1937. Ao longo do

texto, termos específicos são destacados como: autoritarismo, totalitarismo, partido único, crise, racismo, antissemitismo, expansionismo, espaço vital, ultranacionalismo, ditadura, fascismo, nazismo e stalinismo no meio da narrativa que visa caracterizar esses regimes vividos na Europa. Em nenhum momento os autores colocam o Fascismo e o Nazismo como um regime político.

IMAGEM 08

• **totalitarismo** – defendia a submissão total do indivíduo à autoridade do Estado, personificado na figura do *Führer* (“chefe”).

• **expansionismo** – defendia que o governo alemão tinha o dever de expandir seu “**espaço vital**” conquistando militarmente territórios de outros países.

Hitler chega ao poder

Em 1925, o marechal Hindenburg foi eleito presidente da Alemanha. Seu governo, porém, não conseguiu vencer as dificuldades econômicas do país, como os altos índices de desemprego e inflação. Nesta situação de crise, os nazistas fizeram duras críticas aos dirigentes alemães e, nas eleições

Para entender

Espaço vital (*Lebensraum*, em alemão): conceito defendido pelo geógrafo alemão Friedrich Ratzel (1844-1904) em fins do século XIX e incorporado pelos nazistas à sua prática política. De acordo com esse conceito, um povo teria o direito de se expandir, ocupando territórios e utilizando seus recursos naturais de acordo com as suas necessidades. Para Hitler e seus seguidores, os alemães tinham de se manter unidos e conquistar seu espaço vital.

FONTE: COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. *Historiar*: 9. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2015. p. 53.

O texto possui caráter mais direto e dissertativo, mas com perguntas para manter a atenção e o interesse do aluno. Partindo do fascismo italiano, os autores abordam a insatisfação social com a política e a fundação do Partido Nacional Fascista por Benito Mussolini que fez uso da insatisfação popular especialmente no que tangia à economia para oferecer uma saída rápida do que era vivido pelo país. Na bibliografia recomendada tem-se *Ângela Mendes de Almeida*⁴⁴ e *Martin Blinkhorn*⁴⁵ e nas representações visuais há fotografia de uma cena de “O grande Ditador” de Chaplin em 1940, uma da ala infantil da juventude fascista datada de 1930 e uma de Mussolini discursando em 1935. Quanto ao regime nazista, pontua claramente suas características particulares frente ao fascismo em tópicos intitulados: “antissemitismo” e “racismo”. Abordam a chegada de Hitler no poder e a ditadura nazista.

O assunto ganha base bibliográfica com *Mein Kampf* de *Adolf Hitler*, *Marco Palla*⁴⁶, *Márcia D’Alessio* e *Maria Helena Capelato*⁴⁷ e as representações visuais são a

⁴⁴ ALMEIDA, Ângela Mendes de. *A República de Weimar e a ascensão do nazismo*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

⁴⁵ BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália fascista*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

⁴⁶ PALLA, Marco. *A Itália fascista*. São Paulo: Ática, 1996.

⁴⁷ D’ALESSIO, Márcia; CAPELATO, Maria Helena. *Nazismo: política, cultura e holocausto*. São Paulo: Atual, 2004.

fotografia de um comício nazista em Nuremberg em 1934, uma da juventude hitlerista sendo saudada em marcha em Berlim em 1934 e uma outra fotografia dos membros da SA marchando em 1933. Posteriormente, os autores tratam a ditadura de Franco na Espanha e usam de apoio o quadro “Guernica” de Pablo Picasso em 1937 e da ditadura de Salazar em Portugal e conta com uma fotografia dele durante uma revista militar em 1950 e uma dos soldados rebeldes que iniciaram o movimento para derrubar a ditadura recendo cravos vermelhos da população em 1974.

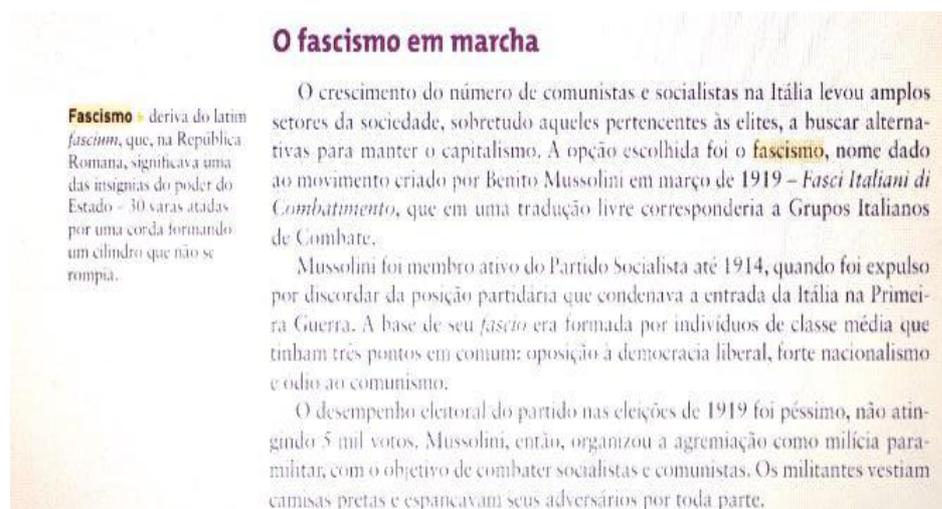
Mais uma vez, a rede pública de ensino do Distrito Federal encontra-se em desvantagem e “atraso” frente as demais instituições de ensino quanto ao livro didático escolhido. A crise econômica de 1929 é tratada em apenas uma página e conta com apenas uma fotografia como representação visual. Os regimes totalitários da Alemanha e da Itália ainda acabam melhor explorados do que no livro de Maria Raquel Apolinário também usado pela rede pública. Também como vantagem, os estudantes têm acesso a fontes referenciais do assunto e recomendações de filmes no final do capítulo.

2.8 - Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos

O livro de *Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro, Jorge Ferreira e Georgina dos Santos* é voltado para o público do 3º ano do Ensino Médio e divide-se em 16 capítulos sendo 1 deles voltados para a temática dos regimes fascista e nazista. Na primeira página há uma fotografia da primeira viagem de Mussolini à Alemanha em 1937 ao lado de Hitler e os autores já tratam da origem da palavra “holocausto”.

Ao longo das páginas vai seguindo uma linha do tempo marcando os eventos do tema partindo da Revolução Russa Bolchevique em 1917 e, já pelo título do capítulo, os autores colocam o “nazifascismo” na linha de combate à democracia e ao socialismo. Os termos conceituais são destacados ao longo do texto que faz uso de uma linguagem simples e dissertativa. Tais termos são trabalhados de forma simplista nas margens das páginas com explicação voltada mais à origem do termo do que exploração do conceito bem como suas características de fato que ficam por ser desenvolvidas na narrativa como pode ser observado abaixo.

IMAGEM 09



FONTE: VAINFAS, Ronaldo... *História 3: ensino médio*. São Paulo: Saraiva, 2016. p. 78.

Quanto ao regime de Mussolini, é trabalhado desde a visão social italiana no fim da Primeira Guerra Mundial, a fundação do Partido Comunista da Itália e do Partido Popular Italiano, Mussolini sendo expulso do partido socialista por discordar dos ideais e a fundação do Partido Fascista Italiano. Trazem ainda a ditadura fascista e o auge do regime. Como representação visual do assunto há uma fotografia de Mussolini e outros generais na Marcha sobre Roma em 1922 e as fontes bibliográficas e primárias são uma mensagem de Mussolini aos diretórios federais reunidos no Palácio de Venécia em 1930 e a recomendação do filme “Mussolini – a história não contada”, EUA. Direção: William A. Graham, 1985. Duração: 320 minutos.

No que tange ao regime liderado por Hitler, expõe-se desde o fim da Primeira Guerra e o estabelecimento da República de Weimar, a formação do Partido Comunista Alemão após vitória soviética e a fundação do Partido dos Trabalhadores Alemães formado por operários frente ao avanço comunista e socialista. Tratam o alcance o regime nazista, a escrita de *Mein Kampf*, o início de 3 Reich bem como os ideais do regime, a propaganda do governo, a perseguição aos judeus, as Leis de Nuremberg e a conhecida Noite dos Cristais.

Referente a bibliografia recomendada é *Alexander Grande*⁴⁸ e *Michel Wieviorka*⁴⁹ e o filme “O grande ditador”, EUA, 1940. Direção: Charles Chaplin. Duração: 124 minutos. As representações visuais são uma fotografia de Hitler posando com crianças

⁴⁸ GRANDE, Alexander. *Itália fascista e Alemanha nazista*. São Paulo: Madras, 2005.

⁴⁹ WIEVIORKA, Michel. *O antissemitismo explicado aos jovens*. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

em 1935, um cartaz de propaganda eleitoral do Partido Nazista de 1933, o quadro “Flander” de Otto Dix. De forma mais sucinta, os autores esboçam os regimes totalitários que ocorreram em Portugal, Espanha, Noruega, Bélgica, Grã-Bretanha, França e Hungria e conta com a representação do quadro “Alegoria de Franco e a Cruzada” pintado por Reque Meruvia Arturo entre 1948 e 1949.

Como comentado anteriormente, os autores não exploram e nem tentam abordar os conceitos de “fascismo” ou “nazismo”, nem mesmo “totalitarismo” e é o único que não cita e nem recomenda como leitura extra Eric Hobsbawm ou Hannah Arendt ainda que constem na bibliografia final. O que é trabalhado quanto aos regimes são suas características sociais e econômicas, não há descrição direta dos termos referentes à temática, tampouco citação de autores ou recomendação de fontes para pesquisa ou estudo extraclasse.

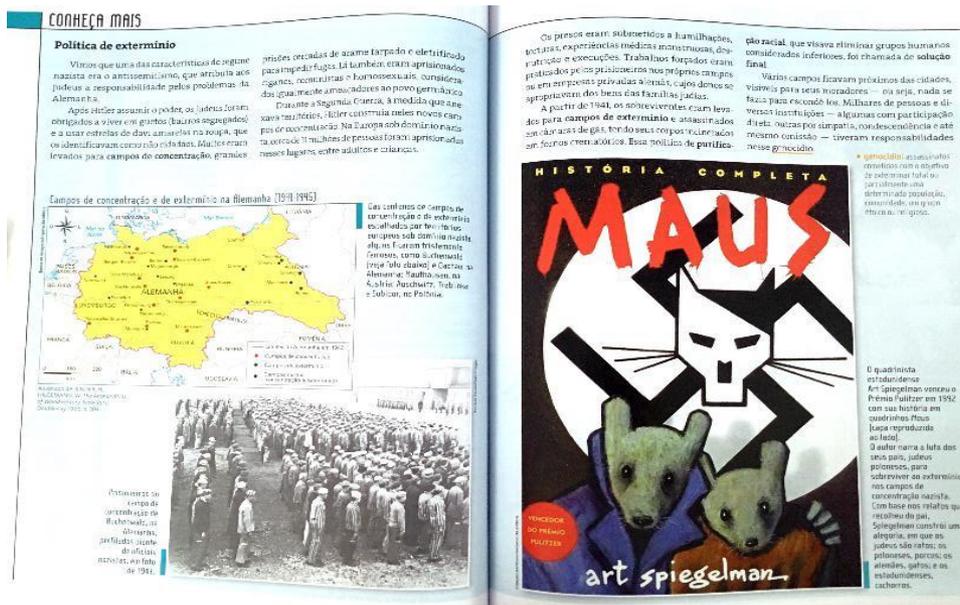
2.9 - José Bruno Vicentino e Cláudio Vicentino

O livro de *José Bruno Vicentino e Cláudio Vicentino* usado neste artigo é voltado para o público do 9º ano do Ensino Fundamental e divide-se em 17 capítulos sendo 1 destes voltado à temática do “nazifascismo” abordando desde a crise econômica e política que levaram Benito Mussolini e Adolf Hitler ao poder, até os acordos finais da Segunda Guerra, incluindo o posicionamento do Brasil com o governo Vargas.

Na primeira página tem-se uma fotografia de 2013 do Museu de Auschwitz mostrando diversos prisioneiros e os uniformes usados por eles, em seguida, traz um mapa mostrando a expansão de território feita por esses países, ignorando acordos previamente firmados e o pacto Germano-Soviético de 1939, pelo qual Stalin prometia neutralidade em caso de guerra no ocidente, enquanto Hitler poderia anexar territórios como o oriente da Polônia e os países baixos.

Quanto ao avanço do Eixo, abordam a Guerra Relâmpago (Blitzkrieg) e o ataque à base americana de Pearl Harbor, que introduziu os Estados Unidos na guerra. Duas páginas são destacadas em azul que podem ser observadas abaixo tratando a política de extermínio com foto de prisioneiros perfilados diante oficiais nazistas, um mapa com os campos de concentração e de extermínio na Alemanha e a reprodução da capa de uma história em quadrinhos produzida pelo quadrinista estadunidense Art Spiegelman narrando a história de seus pais judeus poloneses para sobreviver aos campos.

IMAGEM 10



FONTE: VICENTINO, José Bruno; VICENTINO, Cláudio. *História mosaico*. 2. Ed. São Paulo: Scipione, 2016. p. 185-159.

Posteriormente, é trabalhada a Batalha de Stalingrado entre Alemanha e Rússia e a formação da segunda e terceira frente aliada contra o Eixo e o chamado “Dia D” quando os aliados desembarcam na Normandia no norte da França. Outra página de destaque em azul trata da questão de Hiroshima com imagem da nuvem formada pelo ataque da bomba e da cidade completamente destruída. Quanto ao Brasil na Guerra, os autores trazem que “Apesar de nutrir clara simpatia pelos regimes fascistas, o governo brasileiro adotou a neutralidade no início da Segunda Guerra Mundial” garantindo vantagens comerciais e empréstimos, situação que foi alterada com a entrada dos Estados Unidos na Guerra forçando Vargas e acabar com os acordos feitos com os países do Eixo.

Trazem ainda uma fotografia de Olga Benário, esposa do líder comunista Luís Carlos Prestes, que foi presa e deportada para a Alemanha onde morreu em campo de concentração. São trabalhadas também a deposição de Vargas devido à contradição do Brasil na Segunda Guerra Mundial, as formações partidárias como a União Democrática Nacional, o Partido Social Democrático, o Partido Trabalhista Brasileiro e o Partido Comunista do Brasil e destacam em meia página azul a “Política da Boa Vizinhança” e o personagem criado pelos estúdios Disney Zé Carioca. Quanto aos acordos finais da Guerra, é trabalhada a Conferência de Yalta com uma fotografia contendo Churchill, Roosevelt e Stalin, a Conferência de Potsdam que determinou a desmilitarização da Alemanha, a criação do Tribunal de Nuremberg para julgar criminosos de guerra e a

criação da Organização das Nações Unidas bem como seu Conselho de Segurança. Ao longo das páginas, os autores reproduzem linhas do tempo com os principais momentos da Segunda Guerra Mundial.

Como já comentado sobre os livros anteriores, os autores não se propõem a trabalhar os conceitos com os alunos e sim o que os caracterizam. Esse direcionamento acaba ficando com a autonomia dada ao professor que escolhe desenvolver ou não essa metodologia em sala que, caso opte por realizar esse tipo de estudo. Cabe a ao docente também realizar as pesquisas e procurar fontes que sejam boas para os alunos visto que o livro do professor também não oferece esse tipo de orientação.

2.10 - Patrícia Ramos Braick

O livro de *Patrícia Ramos Braick* é voltado para o 9º ano do Ensino Fundamental do ensino regular, divide-se em 14 capítulos sendo 2 deles voltados para a temática do “nazifascismo”. A autora expõe que os governos autoritários foram instaurados devido ao medo da burguesia frente às revoluções que estavam acontecendo como a Soviética.

Diferentemente dos demais livros estudados, há um enfoque no conceito trabalhado por Hannah Arendt em “Origens do totalitarismo” quando à definição de “regime autoritário” e “regime totalitário” encaixando as formas de governo vividas por Alemanha, Itália, Portugal e Rússia (países citados na fonte) como regimes totalitários. A autora traz que

Nos regimes totalitários, o governo exerce controle total sobre a sociedade, impondo determinada ideologia pelo uso da força e da severa vigilância dos meios de comunicação, do ensino e da vida privada. A eliminação da liberdade, além de ser promovida por meio de métodos de terror, atinge a consciência do próprio indivíduo, apagando todas as marcas de um pensamento autônomo para formar mentes moldadas à ideologia do Estado.

O termo totalitarismo foi utilizado para designar os governos do século XX caracterizados pelo antiliberalismo e pela centralização do poder do Estado na figura de um líder, que é exaltado como personificação da pátria. O fascismo na Itália, o nazismo, na Alemanha, e o stalinismo, na União Soviética, são os principais exemplos de regimes totalitários.⁵⁰

Quanto às representações, há uma ilustração de Mussolini publicada pela revista *La Domenica del Corriere* datada de 13 de outubro de 1935, uma fotografia de operários reunidos em uma assembleia em uma fábrica de automóveis em outubro de 1920, uma fotografia de Mussolini durante discurso em Milão em 1930, uma fotografia de soldados revolucionários em um funeral de insurgentes mortos durante a revolução alemã datada

⁵⁰ BRAICK, Patrícia Ramos. *Estudar história: das origens do homem à era digital*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015. p. 95.

de 1918. Como fontes, cita trechos de *Mein Kampf* de Adolf Hitler e trechos do livro “900 textos e documentos de história” de Gustavo de Freitas contendo falas tanto de Mussolini quanto de Hitler e a autora cita ainda Eric Hobsbawm.⁵¹

A narrativa da autora é focada em encaixar os regimes acima citados dentro de uma classificação retornando sempre às ideias de Hannah Arendt e Eric Hobsbawm pautando-se pelas características dos sistemas implantados por tais líderes.

2.11 – Maria Luísa Vaz e Silvia Panazzo

O livro de *Maria Luísa Vaz e Silvia Panazzo* é voltado para o 9º ano do ensino fundamental, é dividido em 19 capítulos sendo 1 destes voltado para a temática deste artigo. Diferentemente das outras fontes escolhidas, é o único livro escrito por duas mulheres e as autoras optam por trabalhar o nazismo antes do fascismo.

O capítulo começa expondo as dificuldades vividas com o fim da Primeira Guerra Mundial e agravadas ainda com a crise econômica de 1929 que levaram ao surgimento de movimentos sociais de diversas tendências. Como escrevem: “o proletário acreditava que a revolução socialista era a única saída para a crise” e “a burguesia, a classe média, os setores sociais compostos de mão de obra não qualificada e desempregados não acreditavam mais que os governos democráticos pudessem retomar a produção e ampliar níveis de emprego.”⁵²

No tópico voltado ao nazismo, expõem a formação do Partido Comunista em 1918, o avanço da extrema direita com a execução de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht fundamentada em ideias nacionalistas, antisemitas e anticomunistas (termos definidos em box amarelo) e na margem do livro há também, como pode ser observado abaixo, destaque em um quadro vermelho recomendando a leitura de Ângela Mendes de Almeida. Quanto ao período de Hitler no poder, abordam desde o golpe de Estado organizado por ele em outubro de 1923 que resultou na prisão dos principais envolvidos, até sua nomeação como chanceler e o implante da ditadura expondo em box conceitos como “campo de concentração”, “polícia paramilitar”, “assalto”, “polícia política” e “polícia

⁵¹ HOBSBAWM, Eric J. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁵² VAZ, Maria Luísa; PANAZZO, Sílvia. *Jornadas.hist: história, 9º ano: ensino fundamental*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. p.108.

secreta”. Recomendam ainda o filme “Arquitetura da destruição” produzido na Alemanha/Suécia em 1989 e dirigido por Peter Cohen.

IMAGEM 11

O NAZISMO NA ALEMANHA

No início do ano de 1918, com a abdicação do kaiser Guilherme II, a Alemanha adotara o regime republicano, apoiado pelo Partido Social-Democrata.

No fim daquele ano, um grupo de social-democratas (conhecido como Liga Spartacus) fundou o Partido Comunista, que, em 1919, articulou um golpe de Estado para implantar o socialismo.

A pronta repressão à tentativa revolucionária, com a execução de seus principais líderes (Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht), aliada à permanência da crise econômica e social, criou condições para que a maioria da população temesse o alastramento dos movimentos operários.

Livre dos comunistas, a extrema direita ampliou suas bases de apoio e adotou o nome de Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães, popularmente conhecido como Partido Nazista.

Fundamentado em ideias nacionalistas, **antissemítas** e **anticomunistas**, o partido defendia um Estado forte e centralizador que fosse capaz de repor as perdas econômicas e territoriais impostas pelo Tratado de Versalhes.

Em 1923, diante da recusa alemã de pagar à França as dívidas determinadas pelo tratado, os franceses ocuparam a região industrial do vale do rio Ruhr. Com sua receita sensivelmente diminuída, o governo alemão passou a emitir moeda, gerando crescente **inflação**.

Antissemita: ideia ou prática hostil de discriminação aos judeus. Na época do nazismo, essa discriminação ocorria sob a alegação de que a etnia semita é inferior àariana.

Anticomunista: contrário a tudo que é considerado comunista ou de responsabilidade dos movimentos proletários.

Inflação: crescimento anormal e contínuo da moeda em relação às necessidades de circulação dos bens de consumo; desequilíbrio do sistema monetário, decorrente da redução do poder aquisitivo da moeda ao mesmo tempo que ocorre a alta geral de preços.

NÃO DEIXE DE LER

ALMEIDA, Angela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 2008. Trata dos principais aspectos da República de Weimar, implantada na Alemanha entre 1919 e 1933, e do posterior surgimento do nazismo.

FONTE: VAZ, Maria Luísa; PANAZZO, Sílvia. *Jornadas.hist: história*, 9º ano: ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. p.109.

No tópico voltado ao fascismo, é trabalhada a tentativa de revolução socialista e as reivindicações de reforma agrária do sul da Itália quando Benito Mussolini se destaca e, defendendo um Estado forte e militarista, funda o partido fascista (com nome inspirado no símbolo que representava o Império Romano) atacando inimigos políticos especialmente socialistas e comunistas. São abordados ainda a Marcha sobre Roma, e quando no poder, passa a ser chamado de Duce (guia) implantando a censura à imprensa, a proibição de greves e manifestações contra o governo, o fechamento de partidos políticos de oposição, cassação de comunistas e estímulo ao militarismo, o Tratado de Latão que resultou na criação do Estado do Vaticano e a formação do Eixo Berlin-Roma em 1936 (posteriormente também integrado pelo Japão). Recomendam a leitura de Martin Blinkhorn⁵³ e o filme “Nas ondas da revolução” produzido na Croácia em 2013 e dirigido por Lionel Baier.

Brevemente são comentados os regimes de Getúlio Vargas no Brasil, Josef Stalin na União Soviética, Antônio Salazar em Portugal, Francisco Franco na Espanha e o imperador Hiroito no Japão.

As autoras dedicam espaço e atenção na obra para trabalho de conceitos e ideias como comentado nos parágrafos anteriores, mas isso não acontece com os conceitos

⁵³ BLINKHORN, Martin. *Mussolini e a Itália fascista*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

básicos do tema como “totalitarismo”, “fascismo” e “nazismo” ainda que expliquem a escolha do nome do regime liderado por Mussolini. Diferentemente de algumas outras fontes escolhidas, recomendam ao aluno a leitura de determinados filmes e livros que o ajudarão na construção das próprias ideias em um estudo individual ou mesmo em sala a depender da metodologia aplicada pelo professor e do tempo e recursos que ele tiver disponível.

No que se refere às representações visuais, o livro expõe uma fotografia de Mussolini saudando tropas nazistas que visitam Roma em 1936, uma outra de Hitler na Celebração Anual da Colheita em Buckeburg em 1934, outra fotografia de crianças brincando com dinheiro em 1923, um cartaz de propaganda alemã datado de 1932 pertencente a uma coleção particular, uma fotografia de soldados alemães em um discurso de Hitler em 1937, outra da Marcha sobre Roma e ainda outra de soldados nazistas fechando estabelecimentos comerciais de judeus em 1933 que está reproduzida abaixo.

IMAGEM 12



FONTE: VAZ, Maria Luísa; PANAZZO, Silvia. *Jornadas.hist: história, 9º ano: ensino fundamental*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. p. 112.

2.12 – Gilberto Cotrim

O livro de *Gilberto Cotrim* é um volume único dividido em três livros sendo cada um voltado para uma série do Ensino Médio. O livro para uso do 3º ano é dividido em 15 capítulos sendo 1 deles intitulado “Abalo capitalista e regimes totalitários” trabalhando desde a crise econômica de 1929 até os regimes totalitário na Alemanha, Espanha, Itália e Portugal conforme recorte feito pelo autor.

O tópico sobre regimes totalitários começa tratando sobre as críticas aos regimes liberais na década de 1920 levando à ascensão de regimes totalitário que o autor define como “regime político marcado por um Estado forte que busca estender seu poder sobre os outros setores da sociedade, supondo alcançar a completa submissão dos indivíduos.”. Seguindo o texto, o autor pontua e explica os termos: partido único, ideologia oficial, Estado policial, propaganda estatal e intervencionismo econômico como pode ser observado a seguir.

IMAGEM 13



FONTE: COTRIM, Gilberto. *História global 3*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016. p. 41.

Posteriormente, explora o contexto em que esses regimes totalitários eclodiram fazendo uso de uma linguagem mais simples e dialogando com o leitor por meio de perguntas ao longo do texto.

Ao analisar o fascismo na Itália, Cotrim inicia pelo abalo sentido após o fim da Primeira Guerra Mundial, expõe uma breve biografia de Mussolini em menos de 6 linhas, e como fonte fornece um trecho do texto que o líder do regime escreveu sobre os valores fascistas. O governo de Mussolini é dividido em duas fases: ascensão e eclosão (única fonte usada que faz tal abordagem) e cita *Franco Cambi*⁵⁴ afirmando que “os militantes fascistas criaram associações para os jovens promovendo competições esportistas e desfiles paramilitares com o objetivo de exaltar o respeito às autoridades fascistas e sua doutrina social.” Diante o nazismo alemão, inicia-se o texto com o sentimento de derrota e humilhação alemã, as dificuldades econômicas consequentes e o sucesso da Revolução Russa causando temor na elite. Nesse contexto, o autor passa a expor a popularidade de Hitler que acaba por ser nomeado chanceler e posteriormente instaura a Terceiro Reich.

⁵⁴ CAMBI, Franco. *História da pedagogia*. São Paulo: Unesp, 1999. p. 579.

Como representação, o capítulo conta com uma fotografia de uma parada militar organizada para comemorar os 50 anos de Hitler em 1939, um cartaz de propaganda stalinista escrita :morte ao fascismo” datada de 1930 e uma fotografia da juventude hitlerista em comício na Alemanha por volta de 1934. Em duas páginas Cotrim trata brevemente da ditadura de Franco na Espanha, Salazar em Portugal e Vargas no Brasil.

Trata-se de mais um livro que não aborda os conceitos de “fascismo” e “nazismo” ainda que, diferentemente de outras fontes, tem foco em desenvolver outros conceitos como apresentado em parágrafo anterior e reproduzido em imagem. Infelizmente, é mais uma obra que não faz recomendação de leitura para pesquisa por parte do aluno nem de outras fontes como filmes e documentários.

2.13 – Marieta Moraes Ferreira, Mariana Guglielmo e Renato Franco:

O livro de *Marieta Moraes Ferreira, Mariana Guglielmo e Renato Franco* é um volume único para uso do ensino médio, é composto por 52 capítulos sendo 1 destes voltado à abordagem dos regimes “nazifascistas”. O capítulo conta nas duas primeiras páginas com uma linha do tempo com os principais marcos desde a criação dos *fasci di combattimento* na Itália em 1919 até 1939 quando ocorre o fim da guerra civil espanhola, a assinatura do pacto germano-soviético de não agressão e eclosão da Segunda Guerra Mundial. O texto inicia com uma fotografia de Hitler e Mussolini em Veneza em 1934 e tratando o panorama europeu e propõe um diálogo com o leitor por meio de perguntas para reflexão.

No que tange à Itália fascista, é abordado desde o repúdio da elite à influência da Revolução Russa, a fundação de partidos políticos, a Marcha sobre Roma, a ditadura e o estabelecimento do Estado fascista. Referente à Alemanha, o texto inicia tratando a fragilidade da República Weimar, e a ascensão de Hitler que vai de membro do exército a prisioneiro após organizar um golpe de Estado em Munique e posteriormente a chanceler até alcançar o cargo de Führer com foco em influenciar a juventude.

Como representações, o capítulo conta com uma fotografia de uma fábrica ocupada em 1920 por uma influência de ordem socialista, uma fotografia de Benito Mussolini participando da “batalha do trigo” em 1932, um quadro mostrando a votação nazista nas eleições para o Reichstag de 1924-1933, outra de Jesse Owens nos jogos olímpicos de Berlim em 1936 e ainda uma charge de Clifford K. Berryman de 1939 sobre o anúncio do pacto germano-soviético de não agressão reproduzida abaixo.

IMAGEM 14



FONTE: FERREIRA, Marieta de Moraes; GUGLIELMO, Mariana; FRANCO, Renato. *História em curso*, volume único. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016. p. 551.

Os autores fazem uso de uma linguagem muito rebuscada e complexa quando pensado que o público do livro tem entre 15 e 18 anos. Não oferecem esquemas didáticos como pontuar características dos regimes, tampouco os conceitos base e as únicas recomendações que fazem para estudo extra são de dois filmes: “Um homem bom”: EUA, 2008. Direção: Vicente Amorim. Duração: 96 minutos e “A onda”: Alemanha, 2008. Direção: Denis Gansel. Duração: 107 minutos.

3. Os autores

Como já indicado na seção anterior, os autores escolhidos para composição do estudo foram Alexandre Alves, Alfredo Boulos Júnior, Célio Ricardo Tasinafo, Cláudio Vicentino, Daniela Buono Calainho, Georgina dos Santos, Gilberto Cotrim, Jaime Rodrigues, Jorge Ferreira, José Alves Neto, José Bruno Vicentino, Letícia Fagundes, Marcos Napolitano, Maria Raquel Apolinário, Maria Luísa Vaz, Mariana Villaça, Mariana Guglielmo, Marieta de Moraes Ferreira, Patrícia Ramos Braick, Renato Franco, Ronaldo Vainfas, Sheila de Castro Faria e Silvia Panazzo.

Obviamente que para se analisar os livros, precisamos nos debruçar sobre os autores visando compreender seus referenciais teóricos e escolhas para as abordagens nos

livros didáticos. Logo, para tal, coletamos informações em duas plataformas: Acácia e Lattes.⁵⁵

A Plataforma Acácia⁵⁶ foi idealizada em 2016 e lançada em abril de 2018. A ideia é documentar as relações formais de orientação no contexto dos programas de pós-graduação brasileiros. Para sua realização, a base usada é a Plataforma Lattes que atualmente concentra mais de 5,1 milhões de currículos acadêmicos. A documentação presente na plataforma apresenta a ideia de “genealogia acadêmica” estabelecendo ligações entre dois pesquisadores (orientador-orientado). As relações de orientação são atualizadas a partir de novas coletas de dados registrados no Currículo Lattes.

A Plataforma Lattes⁵⁷ é vinculada ao CNPq quanto à integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. Hoje, a plataforma é um padrão nacional no registro da vida pregressa e atual dos estudantes e pesquisadores do país, e é adotado pela maioria das instituições de fomento, Universidades e Institutos de pesquisa no Brasil. Apresenta vasto número de informações que, confiabilidade e abrangência, é um elemento indispensável à análise de mérito e competência dos pleitos de financiamentos na área de ciência e tecnologia.

Nesta perspectiva, confeccionou-se três tabelas, apresentadas abaixo, com o objetivo de uma visualização a respeito do processo de formação acadêmica dos autores aqui pesquisados, bem como, indicar suas áreas de especialidade, por isso a indicação dos orientadores.

⁵⁵ Há a necessidade de esclarecimento quanto ao fato da possibilidade de se criar “falsos dados”, uma vez que alguns autores e autoras aqui trabalhados não possuem seus perfis nas plataformas atualizados.

⁵⁶ <http://plataforma-acacia.org/sobre>.

⁵⁷ <http://lattes.cnpq.br/>

Tabela 01 – Formação acadêmica

	Graduação	Mestrado	Doutorado	Pós-Doutorado
Alexandre Alves	USP	USP	USP	Unisinos e UNICAMP
Alfredo Boulos		USP	PUC-SP	
Célio Tasiñafo	UNICAMP	UNICAMP	UNICAMP	
Cláudio Vicentino	USP		USP	
Daniela Buono	UFF	UFRJ	UFF	USP e UFMG
Georgina Santos	UFF	UFF	USP	Coimbra e UNICAMP
Gilberto Cotrim	USP e PUC-SP	Mackenzie		
Jaime Rodrigues	USP	USP	UNICAMP	USP e Universidade de Porto
Jorge Ferreira	UFF	UFF	UFF	USP e UFMG
José Alves Neto	USF	PUC-SP	USP	Columbia e UNICAMP
José Vicentino	PUC-SP		USP	
Letícia Fagundes	USP	USP		
Marcos Napolitano	USP	USP	USP	
Maria Luísa Vaz	USP	USP		
Maria Apolinário	USP			
Mariana Guglielmo	UFF	UFF	UNIRIO	
Mariana Villaça	USP	USP	USP	USP
Marieta de Moraes	UFF	UFF	UFF	USP
Patrícia Braick		PUC-RS		
Renato Franco	UFMG	UFF	USP	
Ronaldo Vainfas	UFF	UFF	USP	Uni. Lisboa e USP
Sheila de Castro	UFF	UFF	UFF	UFRJ
Silvia Panazzo	PUC-SP	SENAC		

***FONTE:** Elaborado pela autora. Dados obtidos nas Plataformas Lattes e Acácia. **Legenda:** USP: Universidade de São Paulo • UFF: Universidade Federal Fluminense • UNICAMP: Universidade Estadual de Campinas • PUC: Pontifícia Universidade Católica • MAC: Universidade Mackenzie • UFMG: Universidade Federal de Minas Gerais • USF: Universidade de São Francisco

Tabela 02 – Orientação acadêmica

Autor	Orientação Mestrado	Orientação Doutorado	Área de Orientação
Alexandre Alves		Jorge Luís da Silva Grespan	Teoria e Metodologia
Alfredo Boulos Júnior	Elias Thome Saliba	Maria Rita de Almeida Toledo	História Política e Didática
Célio Tasinafo	Izabel Andrade Marson	Izabel Andrade Marson	Brasil Império
Cláudio Vicentino			
Daniela Buono	Afonso Carlos Marques	Rachel Soihet	Ciências Humanas
Georgina dos Santos	Vânia Leite Fróes	Laura de Mello e Souza	História Política e Cultural
Gilberto Cotrin			
Jaime Rodrigues	Silvia Hunold Lara	Silvia Hunold Lara	Brasil Colônia, África, História Moderna e Contemporânea
Jorge Ferreira	Rachel Soihet	Maria Helena Capelato	Brasil República
José Alves Neto	Rachel Gazolla de Andrade	Janice Theodoro	Ciências Humanas
José Bruno Vicentino			
Letícia Fagundes	Ines Garbiuo		Brasil República
Marcos Napolitano	Maria Helena Capelato	Maria Helena Capelato	Brasil República
Maria Luísa Vaz	Maria Odila Leite da Silva		História Social e Educação
Maria Apolinário			
Mariana Guglielmo	Sheila de Castro Faria	Marcelo de Souza Magalhães	Ciências Humanas
Mariana Villaça	Maria Helena Capelato	Maria Helena Capelato	História da América e de Cuba
Marieta de Moraes	Ismenia Lima Martins	Ismenia Lima Martins	Historiografia
Patrícia Braick	Sandra Maria Lubisco		
Renato Franco	Luciano Raposo de Almeida	Maria Luiza Marcilio	Brasil Colônia
Ronaldo Vainfas	Ciro Flamarion Santana Cardoso	Eduardo d'Oliveira França	História Moderna e Contemporânea
Sheila de Castro	Maria Yedda Leite Linhares	Maria Yedda Leite Linhares	Brasil Colônia e Império
Silvia Panazzo	Fernanda Guinoza Matuda		Tecnologia na Educação

*FONTE: Elaborado pela autora. Dados obtidos nas Plataformas Lattes e Acácia.

Tabela 03 – Ano de formação

	Graduação	Mestrado	Doutorado	Pós-Doutorado
Alexandre Alves	1996	2000	2006	2011 e 2015
Alfredo Boulos		2002	andamento	
Célio Tasinafo	1999	2001		
Cláudio Vicentino				
Daniela Buono	1985	1992	2000	2008 e 2014
Georgina Santos	1990	1995	2002	2011 e 2016
Gilberto Cotrim				
Jaime Rodrigues	1988	1994	2000	2006 e 2015
Jorge Ferreira	1982	1989	1996	2005 e 2011
José Alves Neto	1992	1996	2002	2013
José Vicentino				
Letícia Fagundes	1998	2003		
Marcos Napolitano	1985	1994	1999	
Maria Luísa Vaz	1986	1995		
Maria Apolinário	1983			
Mariana Guglielmo	2008	2011	andamento	
Mariana Villaça	1993	2000	2006	2009
Marieta de Moraes	1973	1977	1991	1997 e 2011
Patrícia Braick				
Renato Franco	2003	2006	2011	
Ronaldo Vainfas	1978	1983	1978	2007 e 2014
Sheila de Castro	1983	1986	1994	2009
Silvia Panazzo	1986	1995	andamento	

*FONTE: Elaborado pela autora. Dados obtidos nas Plataformas Lattes e Acácia.

Como pode-se notar na tabela 01, os autores possuem formação em universidades públicas no eixo Rio de Janeiro-São Paulo com poucas exceções para Rio Grande do Sul, Minas Gerais e universidades internacionais. Logo, e, naturalmente que o fosse, as academias brasileiras são a base de formação dos autores aqui pesquisados. Os autores possuem formação plena e, dos citados acima, conforme pesquisa feita na Plataforma Lattes, onze deles estão atualmente em sala de aula, pertencentes ao departamento de História em suas respectivas universidades ou na educação básica de ensino. São eles: Cláudio Vicentino, Daniela Buono Calainho (também coordenadora), Georgina dos Santos, Gilberto Cotrim, Jaime Rodrigues, Jorge Ferreira, José Bruno Vicentino, Letícia Fagundes, Marcos Napolitano, Maria Luísa Vaz, Mariana Villaça, Patrícia Braick, Sheila Faria e Silvia Panazzo sendo apenas seis destes encontrados no nível fundamental/médio.

Ainda que alguns dos autores trabalhados possuam também outras graduações como em pedagogia, letras e filosofia, todos, obviamente, possuem formação em História, em algum dos graus de formação. Estes autores são historiadores especialistas, que permanecem na academia, logo estão/estavam em constante estudo e pesquisa, de forma a se manterem atualizados nos debates, na historiografia e na escrita dos seus trabalhos. Ressaltamos isso pois, na atualidade, frente a encomendas, algumas editoras podem se voltar para “escritores de ocasião”, não necessariamente formados nas áreas em que escrevem o material, exemplo, professores de História escrevendo sobre Geografia e vice-versa. Com isso, percebe-se uma certa autoridade de historiador/a nos livros didáticos que utilizamos para esta pesquisa.

Por outro lado, devemos deixar claro que algumas informações não foram encontradas e, por isso, há espaços em branco na tabela, lacunas estas que podem destar ou “criar” casos específicos, mas que não desqualificam os dados encontrados. Cabe ressaltar que, conforme comentado na legenda da tabela, a pesquisa foi feita preferencialmente nas plataformas Acácia e Lattes, mas nesses casos ainda (tabela 01) foi realizada pesquisa em outros *sites* buscando preenche-la da forma mais completa possível.

A tabela 02 nos traz outras informações, também importantes, com respeito à área de orientação durante a formação de mestrado e doutorado dos autores estudados. Destaco aqui Jaime Rodrigues e Ronaldo Vainfas. Por mais que a concentração e publicação de Vainfas e Rodrigues posteriormente a sua formação universitária, se debruce também para o período colonial brasileiro, são os autores que possuem sua pós-graduação com foco no recorte temporal da temática deste artigo, mas ainda assim, nada realmente

específico com respeito aos regimes fascista e nazista. Assim como eles, a maioria dos autores possui área de concentração em História do Brasil ainda que variando entre colônia, império e república. Novamente, tal dado não os desqualificam para escreverem sobre fascismo e/ou nazismo, contudo ficamos com o questionamento se tais autores concentraram maiores esforços e explicações nos livros para suas áreas de especialização.

É válido observar ainda que alguns destes autores (Célio Ricardo Tasinafo, Jaime Rodrigues, Marcos Napolitano, Mariana Villaça, Marieta de Moraes e Sheila de Castro), têm a sua pós-graduação orientada, tanto em mestrado quanto em doutorado, pelo mesmo professor. Podemos ver aqui o interesse em permanecer na academia, pesquisando e/ou lecionando e ainda com a possibilidade em se manter em universidades “de ponta”, reconhecidas e conceituadas e já com uma orientação para prosseguir com profundidade a pesquisa em andamento ou ainda iniciar uma nova.

Alguns desses autores são citados ou recomendados diretamente nas obras aqui trabalhadas como Elias Thome Saliba e Maria Helena Capelato. Vale observar ainda o caso de Sheila de Castro que, além de autora de uma das fontes, também foi orientadora de Mariana Guglielmo em mestrado. No caso, podemos observar a abrangência de trabalho da autora em permanecer na academia lecionando e orientando novos profissionais, pesquisadores e professores e também dirigir seu conhecimento a ensinar estudantes da educação básica nos ensinamentos fundamental e médio em parceria com outros autores também renomados como Jorge Ferreira e Ronaldo Vainfas no caso da obra usada como fonte para o presente artigo.

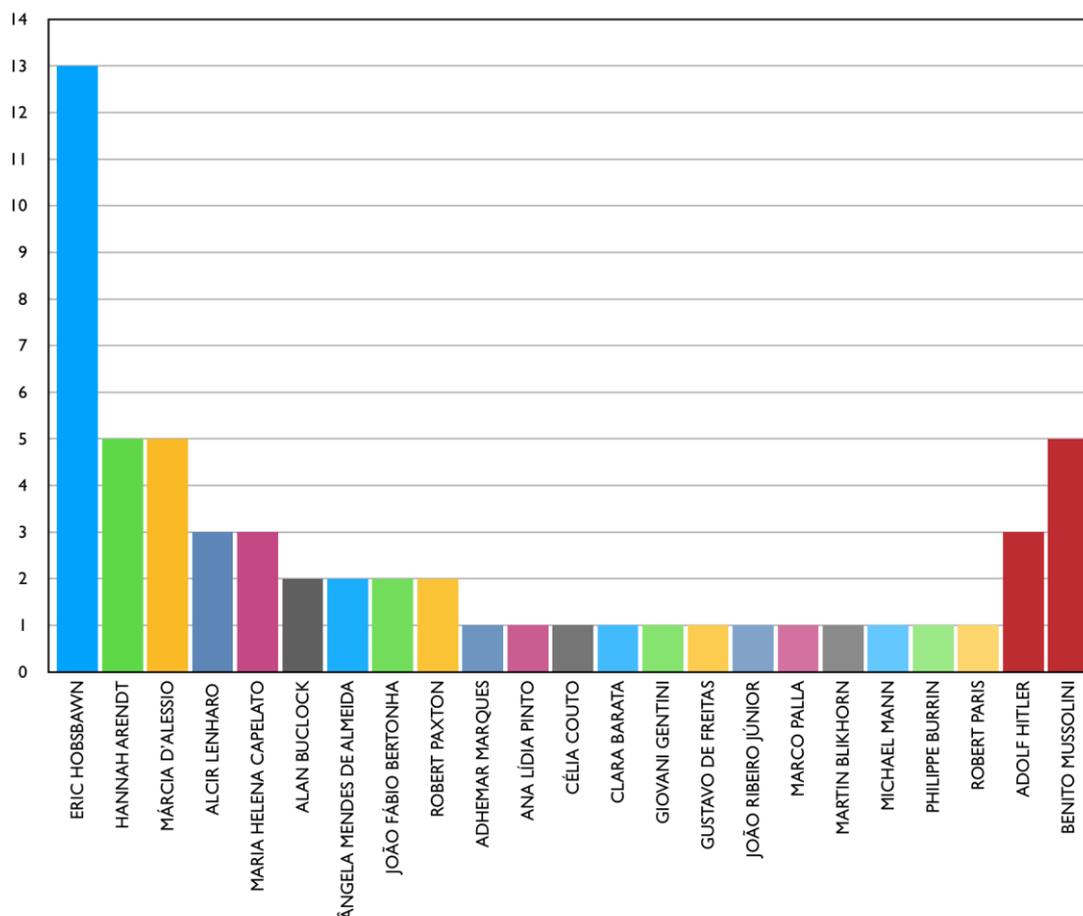
Na tabela 03 temos o ano de conclusão em graduação, mestrado e doutorado dos autores. Pode-se observar que a maioria tem graduação no século XX entre os anos 80 e 90 e pós-graduação entre 1990 e 2000. Podemos notar então a continuidade na capacitação da maioria dos autores das fontes deste artigo.⁵⁸ A composição desta tabela tinha por intuito fazer um comparativo entre os autores, o momento de sua formação e a forma que abordam a temática (fascismo) em seus livros. Ou seja, “o peso” do momento de formação – correntes teóricas de época, historiografia – em suas perspectivas e escritas nos livros didáticos. Contudo, não foi possível estabelecer elos conclusivos neste sentido,

⁵⁸ Em contato com a autora Maria Raquel Apolinário, ela disse que, apesar de não possuir mestrado e doutorado, mantém frequente leitura para compor seus livros de forma atualizada, ainda sem substituir por completo o velho pelo novo. Notou-se, na fala da autora, a importância da leitura e escrita baseada em clássicos sobre qualquer tema dentro da História e ainda a necessidade de continuar a pesquisar, analisar e criticar a fim de termos estudos mais completos.

justamente dada as possibilidades de formação continuada e uma certa “uniformidade” da temática nos livros como visto nas seções anteriores.⁵⁹

4 - As referências

Gráfico 01



O gráfico acima foi elaborado também conforme as referências bibliográficas encontradas no final do livro/fonte referente ao capítulo que trata a temática deste trabalho, não apenas com base nas citações presentes no texto diretamente. Interessante observar que apenas uma das fontes escolhidas não realiza sua pesquisa em alguma obra de Eric Hobsbawm para compor o capítulo.

Nesta linha, baseados também em Eric Hobsbawm, acabamos concordando com o autor, principalmente quanto à classificação de um regime político como fascista ou

⁵⁹ Buscou-se contato com alguns autores, como no caso de Cláudio Vicentino e José Bruno Vicentino, contudo não obtivemos retorno. Logo, infelizmente, assim como no caso da tabela 01 e 02, algumas informações não puderam ser encontradas.

não, quando ele comenta em “Tempos interessantes” que “[...] meninos inteligentes precisam de tempo para reflexão e amadurecimento intelectual” pensando a necessidade e a importância do tempo para que nos tornemos pessoas (e historiadores) críticos, conscientes e maduros. Nenhuma dessas áreas se desenvolve instantaneamente, por isso é necessário muito estudo, muita dedicação e paciência. Dentre as ideias usadas no período em que se ascendeu o nazismo, Hobsbawm traz a ideia de que “se tornara necessário defender uma sociedade organizada contra o bolchevismo e de qualquer forma os horrores da era hitlerista haviam sido antecipados e inspirados pelos horrores da Rússia vermelha.”⁶⁰

Conforme o relato do autor, os “meses que passei em Berlin me tornaram comunista para o resto da vida, ou pelo menos me transformaram em alguém cuja vida perderia a natureza e o significado sem o projeto político a que se dedicou quando estudante.” Essa citação me faz pensar no horror vivido, certamente também na Itália, embora mais agravado na Alemanha, pela política de extermínio de determinados povos. O que foi vivenciado nesses países foi forte o suficiente para impactar negativamente milhões de vidas e famílias de forma direta. Hobsbawm comenta a mudança que sentiu: “Se as lembranças do meu primeiro ano em Berlim são coloridas, seu tom nos últimos seis meses é um cinzento cada vez mais sombrio, com toques de vermelho.”⁶¹

Contrariando autores que defendem a ideia de que não havia possibilidade de evitar os regimes que estavam por vir, destaco mais uma citação de “Tempos interessantes” em que o autor diz: “Na época em que cheguei a Berlim era evidente que o principal tema político na Alemanha era como prevenir a ascensão de Hitler ao poder.” O que aconteceu era sim “evitável”. Havia oposição, como abordado anteriormente. Penso a força e a manipulação por parte de militares e civis na propaganda política que levou a colocar líderes extremistas como Benito Mussolini e Adolf Hitler no poder. Reflito também sobre o ódio ao sucesso da Revolução Russa quanto às consequências da crise econômica de 1929, já comentada anteriormente, quando Hobsbawm diz que “os campos de concentração originais do Terceiro Reich foram planejados primordialmente para aprisionar comunistas.”⁶²

⁶⁰ HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*; Tradução S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.57. e p.72.

⁶¹ HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*; Tradução S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.73 e p.76

⁶² HOBBSAWM, Eric. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*; Tradução S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p.85. e p.86.

Contudo, a predominância de Hobsbawm como autor/referência nos livros didáticos demonstra, porventura, que o questionamento feito anteriormente, se os autores acabam “privilegiando” determinadas áreas, por vezes, de sua especialidade, possa não ser leviano. A hegemonia referencial é inegável, o que dá um certo tom “uniforme” a temática, recostado na “autoridade” do renomado autor.

Chamamos a atenção também para o que estão destacados em vermelho no gráfico – o líder do regime fascista Benito Mussolini e o do regime nazista Adolf Hitler. Podem ser tratados como fontes e/ou referências, mas que dão, novamente, um certo ar de autenticidade, corroborando as características e com isso os conceitos para a época. Em certa medida, quando os autores optam por fornecer e trabalhar esse tipo de fonte, fornecem maior base ao que está sendo escrito na narrativa produzida. Essas citações ajudam o estudante ainda a fazer as próprias análises, críticas e reflexões com base em uma fonte primária e ainda a relacionar o que essas fontes trazem com o que os autores estão escrevendo.

5 – Sobre as imagens nos livros

Roger Chartier em “O mundo como representação” nos apresenta duas úteis citações, dizem elas: “É preciso considerar que as formas produzem sentido, e que um texto estável em sua literalidade se investe de uma significação e de um estatuto inéditos quando mudam os dispositivos do objeto tipográfico que o propõe à leitura.” E, “o essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos – sob forma impressa possivelmente diferente – podem ser diversamente aprendidos, manipulados, compreendidos.”⁶³

Entendo representação como um instrumento com significação proposital e com interesses específicos correspondente a uma estratégia determinada de um agente ou grupo social. Representar algo implica, por consequência, uma prática social, cultural e política. O autor ainda destaca a questão da representação como algo primordial em um discurso.

⁶³ CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. Estudos Avançados, São Paulo. p. 178. e p. 181.

Selecionei imagens presentes nas fontes que destacam cinco áreas que merecem atenção quanto a pensar os regimes “nazifascistas”: economia, discursos, propaganda, sociedade e militarismo.⁶⁴

Quanto à economia, contei com quatro imagens: duas de crianças brincando com dinheiro, uma que mostra um morador de Berlim procurando comida no lixo e outra que mostra a desvalorização da moeda alemã em comparação ao dólar. Os autores buscam retratar o contexto econômico vivido na Europa após a Grande Depressão de 1929. As imagens retratam especialmente a desvalorização da moeda e o desespero social pela falta de comida. Essa situação foi um dos motivos para que líderes como Benito Mussolini e Adolf Hitler chegassem ao poder na Itália e na Alemanha propondo soluções rápidas para o problema e apontando culpados provocando ódio social em massa.

Com relação aos discursos, com o apoio de seis fotografias, pude observar sempre um grande público cultuando o líder que se coloca como salvador da pátria. Público esse composto em maioria por proprietários e elite da época que os apoiava por concordar com suas propostas políticas de fato ou apenas por querer mudar a situação econômica como comentado no parágrafo anterior, ou por exaltar o patriotismo, ou por ver um inimigo potencial em comum como o comunismo e o judaísmo que, de acordo com a visão, deveria ser fortemente combatido e destruído. As fotografias são especificamente duas de Mussolini em discursos, três de Hitler e uma de ambos, lado a lado, mostrando o apoio mútuo pelos ideais em comum.

No tocante à propaganda, retomo a segunda citação desse tópico quanto à representação como instrumento de apreensão, compreensão e manipulação da matéria/conteúdo. Penso aqui tanto na representação original dos governos fascista e nazista em se promoverem socialmente como um regime positivo para as pessoas (mas especialmente à pátria) e mostrar seu progresso social e econômico, quanto na representação nos livros didáticos por parte dos autores como forma fornecer visualmente o que está trabalhado no texto, fornecendo base à escrita. Cabe pensar ainda na manipulação que pode ocorrer por parte dos autores, assim como por parte de Mussolini e Hitler também em direcionar o pensamento e a visão do espectador. O anexo conta com um cartaz de propaganda alemã persuadindo mulheres a votarem em Hitler para salvarem

⁶⁴ De forma proposital, não foi colocada a imagem de Jesse Owens vencendo as Olimpíadas de 1936, na Alemanha, com a presença de Hitler no estádio, em um período em que defendia a superioridade da raça ariana em todos os quesitos, inclusive físicos. A exclusão dá-se por ser um fato altamente reproduzido e conhecido.

suas famílias, uma ilustração de Mussolini na capa da revista *La Domenica del Corriere*, uma representação da suástica apropriada pelo nazismo como símbolo da identidade ariana, uma propaganda stalinista escrita “Morte ao fascismo”, uma charge presente em duas fontes que incentiva crianças alemãs e expulsarem colegas e professor judeus da escola, um cartaz ilustrado com Hitler segurando a bandeira nazista e escrito “Viva a Alemanha”, uma propaganda eleitoral do Partido Nacional-Socialista de Hitler ridicularizando adversários e uma última propaganda com a frase “Toda a Alemanha ouve o líder com o rádio do povo.”

Referente à sociedade, as imagens mostram o apoio populacional aos regimes “nazifascistas” por parte de crianças, jovens e mulheres. O anexo conta com onze representações sendo uma dos “camisas negras” na Marcha sobre Roma, uma de crianças numa escola militar, uma Hitler em aparição pública cercado de pessoas esperando por um contato físico como o líder, uma de soldados alemães em um enterro, outra de soldados também alemães servindo comida à população no inverno, três fotografias mostrando a chamada “juventude hitlerista” (uma especificamente de meninas em apoio ao regimes), uma de Hitler em passeio em carro aberto, uma do líder alemão com crianças e a última de mulheres demonstrando publicamente apoio ao regime fascista ainda que fossem proibidas de ingressar no partido. As crianças passaram a ser estimuladas desde cedo na escola ao patriotismo e ao militarismo, na Alemanha foi criada a “juventude hitlerista” em apoio ao regime e destaca-se ainda o papel da mulher em dentro da proposta de dar continuidade em casa ao ensinamento aos filhos na escola e ainda fornecer suporte ao marido envolvido na política. Algumas representações ainda se propõem a colocar um líder carismático e acessível à população como é de fato colocado como uma das características para um regime fascista.

Por último, dando atenção à questão do militarismo, os autores colocam as aparições públicas de Mussolini e Hitler, encontros entre líderes. Comparação com grandes nomes da História Clássica e desfiles em datas comemorativas sempre mostrando a disciplina, o poder, a organização e a força do exército e do governo que ele representa. Essa parte do anexo conta com 7 imagens sendo a primeira de uma parada militar em comemoração aos 50 anos de Hitler, a segunda sendo uma fotografia da chegada de Hitler em uma cerimônia política na qual também poderia ser colocada na sessão “propaganda” por estrategicamente posicionar o líder alemão no centro na imagem. A terceira trata de uma fotografia de Mussolini com a estátua do líder político e militar romano Júlio César, a quarta mostra Mussolini e os “camisas negras” durante a Marcha sobre Roma, a quinta

é um desfile e concentração militar. A penúltima expõe tropas nazistas desfilando com cartazes da suástica e a última trata de uma fotografia de Mussolini fazendo a saudação fascista a uma tropa da juventude nazista alemã que visitava Roma.

Desta forma, o que está sendo “apresentado” para os alunos e alunas em forma de imagem acaba por conduzir, em conjunto com o texto, o que ser dito, significado, construído como “consciência histórica”.

6 – Considerações:

Iniciamos esse artigo com a ideia de analisar como são abordados os conceitos e as representações visuais nos livros didáticos usados no Distrito Federal publicados a partir de 2010. Foi adicionado ainda outro livro muito recomendado pelos professores que ofereceram as fontes para compor este artigo. Percebi a visão diferente que passei a ter sobre as fontes após minha vida acadêmica.

Como uma “jovem pesquisadora” faço críticas, percebo falhas didáticas, penso debates e diálogos historiográficos que, enquanto aluna do ensino fundamental e médio, não enxergava. Arrisco dizer que o mesmo se passa com os estudantes de hoje no nível básico, mas ainda nada que seja gritante dada a fase da vida que se encontram.

Percebi que a temática exige muito mais uma caracterização do que uma conceituação dada suas especificidades e tendo a ideia de conceito sendo um conjunto de características. São essas características em conjunto, não de forma isolada, que produzem o conceito de fascismo como um sistema político particular e o nazismo como uma extensão ainda mais específico. Ao tentar analisar os conceitos, ficou claramente entendido que a maioria, na verdade, não trabalha os conceitos, mas sim as características dos regimes vividos na Itália e na Alemanha em destaque.

Quanto à escolha dos livros por parte dos professores e das instituições de ensino, crítico a construção política por trás do sistema usado pelo setor público. Os livros oferecidos à Secretaria de Educação que são encaminhados às escolas para análise e escolha por parte dos professores e estes encaminham suas opções de volta às Regionais de Ensino que visam possuir a menor variedade possível de livros dentro do setor. Ressalto que esses livros encaminhados, são propositalmente de conteúdo drasticamente reduzido, a exemplo como comentado anteriormente, tratar a Grande Depressão econômica de 1929 em 15 linhas. Penso essa redução não apenas quantitativa, mas

também qualitativa por consequência abrindo mão de debates, aprofundamento e citações.

Com relação ao conceito usando os dicionários de termos históricos, percebi a palavra remetendo ao tempo e as semelhanças entre o tempo e contexto que o termo “fascismo” começou a ser usado por Mussolini na Itália à contemporaneidade vivida no Brasil. Vejo a semelhança em líderes aclamados por uma massa da sociedade, líderes estes que se colocam como salvação para um problema econômico de destaque, o culto das massas a ele, o papel de influência da religião ao promover a ascensão dessa visão política, o apoio de pessoas não por concordar com a proposta, mas pela antipatia aos mesmos oponentes e a exaltação do patriotismo como uma obrigação.

Bibliografia básica:

ALVES, Alexandre; FAGUNDES, Letícia de Oliveira. **Conexões com a História:** volume único. São Paulo: Moderna, 2010.

APOLINÁRIO, Maria Raquel. **Projeto Araribá:** história. São Paulo: Moderna, 2014.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, sociedade e cidadania, 9º ano.** 3ªed. São Paulo: FTD, 2015.

BOULOS JÚNIOR, Alfredo. **História, sociedade e cidadania, volume único.** 1ªed. São Paulo: FTD, 2011.

BRAICK, Patrícia Ramos. **Estudar história:** das origens do homem à era digital. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2015.

COTRIM, Gilberto. **História global 3.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

COTRIM, Gilberto; RODRIGUES, Jaime. **Historiar: 9.** 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2015.

FERREIRA, Marieta de Moraes; GUGLIELMO, Mariana; FRANCO, Renato. **História em curso,** volume único. 1. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2016.

FREITAS, José Alves, TASINAFO, Célio Ricardo. **História Geral e do Brasil.** São Paulo: Harbra, 2006.

NAPOLITANO, Marcos; VILLAÇA. **História para o ensino médio:** volume único. São Paulo: Atual, 2013.

VAINFAS, Ronaldo... **História 3:** ensino médio. São Paulo: Saraiva, 2016.

VAINFAS, Ronaldo; FERREIRA, Jorge. **História.doc 9ºano:** ensino fundamental, anos finais. São Paulo: Saraiva, 2018.

VAZ, Maria Luísa; PANAZZO, Silvia. **Jornadas.hist:** história, 9º ano: ensino fundamental. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

VICENTINO, José Bruno; VICENTINO, Cláudio. **História mosaico.** 2. Ed. São Paulo: Scipione, 2016.

Bibliografia complementar:

ABUD, Katia Maria. **Processos de construção do saber histórico escolar.** In: História & Ensino. Londrina, v. 11. jul. 2005.

ALMEIDA, Ângela Mendes de. **A República de Weimar e a ascensão do nazismo.** São Paulo: Brasiliense, 2008.

ARENDT, Hanna. **Origens do totalitarismo:** anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

- BERTONHA, João Fábio. **Fascismo, nazismo, integralismo**. São Paulo: ÁTICA, 2001.
- BLINKHORN, Martin. **Mussolini e a Itália fascista**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOBBIO, Norberto. **Dicionário de política**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1. ed., 1998.
- BRAUDEL, Fernand. **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BURRIM, Philippe. **Politique et Société; les structures du pouvoir dans l'Italie fasciste et d'Allemagne nazie**. In: FERRO, Marc (Org.). *Nazisme et communisme: deux régimes dans le siècle*. Paris: Hachette, 1999.
- CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Unesp, 1999.
- CERRI, Luis Fernando. Ensino de História e concepções historiográficas. **Espaço plural**. Ano X, no 20, 2009.
- CHANDLER, Lester V. **America's Greatest Depression** (1970). In: HUNT, E. K. História do pensamento econômico. Rio de Janeiro: Campus, 1989
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo.
- CYSNEIROS, Paulo Gileno. **Novas tecnologias na sala de aula: melhoria do ensino ou inovação conservadora?** In: _____. Informática educativa, v. 12, no 1, 1999.
- D'ALESSIO, Márcia; CAPELATO, Maria Helena. **Nazismo: política, cultura e holocausto**. São Paulo: Atual, 2004.
- EVANS, Richard. **A chegada do Terceiro Reich**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- FELICE, Renzo de. **Explicar o fascismo**. Lisboa: Edições, 1976.
- FERRO, Marc (Org.). **Nazisme et communism: deux régimes dans le siècle**. Paris: Hachette, 1999.
- GEARY, Dick. **Hitler e nazismo**. Rio de JANEIRO: Paz e Terra, 2010.
- GRANDE, Alexander. **Itália fascista e Alemanha nazista**. São Paulo: Madras, 2005.
- HOBBSAWM, Eric. **A queda do liberalismo**. In: _____. Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das letras, 1995.
- HOBBSAWM, Eric J. **Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes: uma vida no século XX; Tradução S. Duarte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

- KENNEDY, Paul. **Ascensão e queda das grandes potências**: transformação econômica e conflito militar de 1500 a 2000. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- KERSHAWN, Ian. **Hitler**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1990.
- LENHARO, A. **Nazismo: o triunfo da vontade**. São Paulo: Ática, 1995.
- MUSSOLINI, Benito; GENTILE, Giovanni. **La dottrina del fascismo** (1932). In: *Enciclopedia italiana*.
- MOCELLI, Renato. **O nazismo**. São Paulo: FTD, 1999.
- MUSSOLINI, Benito; GENTILE, Giovanni. **La dottrina del fascismo** (1932). In: Enciclopedia italiana. Disponível em www.polyarchy.org. Acesso em 26 ago, 2010 (tradução dos autores).
- PALLA, Marco. **A Itália fascista**. São Paulo: Ática, 1996.
- PARIS, Robert. **As origens do fascismo**. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- PAXTON, Robert. **A anatomia do fascismo**. São Paulo: Paz e terra, 2007.
- REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. Tradução: Maria da Graça M. Macedo. 3ª. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- RIBEIRO JR. João: **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- ROLLEMBERG, Denise; QUADRAT, Samantha (Org.). **A construção social dos regimes autoritários**: legitimidade, consenso e consentimento no século XX, v. 1 (Europa). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- RÜSEN, Jörn. Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história. In: **História da historiografia**, número 02, março, 2009.
- SALIBA, Elias Thomé. **A produção do conhecimento histórico e suas relações com a narrativa fílmica**. São Paulo: FTD/Diretoria Técnica, 1992.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de Conceitos Históricos**. 3. ed. São Paulo: Contexto. 2010.
- TRENTO, Ângelo. **Fascismo italiano**. São Paulo: Ática, 1996.
- WIEVIORKA, Michel. **O antissemitismo explicado aos jovens**. Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.